

ILUSTRAÇÃO



A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguezas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80
LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**ÊXITO FORMIDÁVEL***Um livro que interessa a todos***Arte de enriquecer**

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida ou preparar a fortuna

2.ª edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

À venda a 3.ª edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.ª

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As muçucas dos senhores cônegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Viseu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

Acaba de sair

A 6.ª EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **16\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro dum das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
L I S B O A

Acaba de sair
A 4.^a EDIÇÃO

Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado **12\$00**
Encadernado **16\$00**

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LSBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos *para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher.»
— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00
Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu valor
incontestável está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslováquia, Espanha,
Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suécia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroideá, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroideá sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre cronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doencas dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a elle.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insomia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexu I. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doenca não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

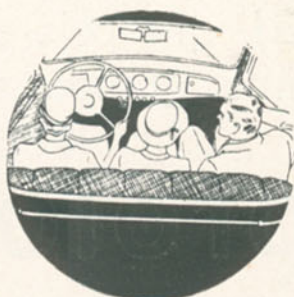
I volume de 244 páginas Esc. 10\$00
Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



automaticamente engrena numa velocidade superior



o banco da frente com espaço suficiente para três passageiros



para engrossar a marcha atrás, basta puxar a manéte



as novas linhas REO impõem-se pela sua beleza e imponência

... e muitas mais vantagens possui o novo REO com



a caixa de velocidades de mudanças automáticas...

Flying Cloud Six com mudanças automáticas

Em Exposição no "Stand" dos representantes exclusivos:

GARRIDO & FILHO, L.^{DA} — Avenida da Liberdade, 169, 171

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisações,
etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

NA segunda quinzena de agosto o calor baixou da temperatura de brasa para a de bôca de forno. Arderam mais casas e florestas, chamuscaram-se mais os vinhêdos e olivêdos, sentiu-se com mais rigor a falta de água para combater a secura e os incêndios. As populações abalaram em pânico para a beira-mar, ansiosas por mergulho, o que se traduziu em pausa nos negócios, no movimento das ruas e na política. Até os boatos de cataclismos, mudanças de messias, regresso de sebastiões, pelo silêncio em que entraram, se crê terem tomado a direcção das praias, ou das estâncias clarificadoras da bilis.

O estendal de misérias da nossa vida pública deixou assim de andar assoalhado nas pedras do Rossio e do Chiado. Quem sai á procura de um escândalo para abrir o apetite ao jantar e entreter o ócio da noite á mesa do terraço, onde se bebe cerveja morna, fica desolado com a penúria da oferta. Nada, pela palavra nada se encontra. Nem um ministro apanhado a roubar a carteira de um transeunte, nem um exército espanhol a vir por aí dentro obrigar-nos a mudar de govêrno, nem um ministro francês a acusar-nos de têrmos cortado as relações económicas por intriga dos jesuitas.

De ladroeiras, durante a quinzena, apenas se ouviu falar nas que atiraram á cara uns dos outros os oradores de uma assembleia em muitas jornadas. Também veio a público uma história de lâmpadas eléctricas. Mas essa não era ladroeira. Ficou sem saber-se o nome a dar-lhe, por minguagem de recursos da língua portuguesa, apesar de rica em têrmos aplicáveis ás artes financeiras, da espécie alpedrinha.

Houve de facto um drama sucedido com aparelhos iluminantes, em que ninguém conseguiu ver nada. Quem acende, quem apaga, e a quem a paga por tanto mexer, não se descobrirá nunca porque aquela é uma iluminação das que se inventaram muito de propósito para andar às escuras, ou para usar em sítios onde ninguém as lobrigue.

Desgraçadamente a quinzena correu pobre de escândalos para meter na crónica e regalar o apetite dos seis leitores fieis

CRÓNICA DA QUINZENA

que a percorrem, sempre na esperança de chupar a inebriante bebida.

O único facto digno daquele título não se encontrou na cidade, em qualquer sector da vida pública. Foi um castigo descobri-lo, mas topou-se, aonde menos se esperava. Apareceu de súbito na ocasião de um passeio pela praia estonteante do Estoril.

Como bem se sabe o nudismo tomou ali proporções edénicas. A fôlha de vide leve, diáfana, menos espessa que a natural, comparável a teia de aranha aplicada e retesada sobre as fôrmas não deixa relêvo, ou cavo impossível de apreciar no seu valôr escultural. Que lhe falte uma unhada logo a vista dá pelo furto.

Belezas de corpo inteiro com todos os pormenores que surpreenderam Adão quando, ao acordar do seu sono, Deus lhe apresentou Eva, são as que os olhos podem contemplar estendidas na areia como sardinhas no prato, das do S. João, provocadoras de rios de água na bôca. Ha dessas, no género das que pingam no pão. Ha outras menos pingues, compridas, às vezes mais saborosas. Ha as meudas, buliçosas, espertas como lagartixas de cauda eléctrica. O volume não importa uma vez que as proporções do desenho se ajustem á medida guardada em sítio recondito, onde tem séde o sexto sentido, o melhor e único essencialmente humano, vem a ser o revelador da beleza.

Ninguém ignora que, ao serviço dessa qualidade nobre distintiva da espécie, é que elas, as filhas de Eva, ali expõem os volumes adquiridos, retos e curvos, grandes e pequenos. Pretendem mostrar a harmonia e perfeita combinação da sua geometria, para satisfazer a necessidade de ver, a fome de palpar, gostar e cheirar com os olhos, cientes de que nenhum espectáculo deleita mais o homem civilizado do que o corpo da mulher. Uma vez apresentado na sua nudez plena, como

se acha agora nas praias, nada o excede em encanto porque emociona todos os sentidos. Não é só a côr. Também o som agrada porque tem música deliciosa para o ouvido, arôma para o olfacto, sabor para a bôca, tacto para os dedos; o ver desperta-os e põe-nos a vibrar.

De facto na areia do Estoril, às horas da manhã, em certos dias, a sonoridade, os perfumes, as côres de carne viva encham a atmosfêra como o fumo das fogueiras pelo S. João.

Ora vinha a crónica referindo que um escandalo, procurado com avidês, em parte nenhuma se encontrou, durante a tediosa quinzena de agosto, a não ser nessa praia ditosa, onde enfim sucedeu alguma cousa.

Foi na verdade um senhor escandalo, dos que merecem apontados á execração pública para evitar que se repita.

Entre a nudez estética que em dado momento enchia o areal inteiro de esculturas gregas em todas as atitudes, Venus deitada, Venus agachada, Venus saindo do banho, surgiram umas pernas dependuradas num busto a que se sobrepunha uma cabeça feminina. O busto fingia tábuas de bater bifés, as pernas duas canas de enxotar perús, cobertos de pêlos. Causaram nos olhos sensação de pimenta, nas mãos a de agulhas. Pior do que latido de cão a meio de sinfonia, ou de macaco sobre um altar. Sêcas até de ossos porque pareciam vimes, esguias como de cegonha, felpudas como as de bode caucásico

Nem se podia recordar sem tremuras.

Ora sim, que para afastar êstes horrores desnorteantes do espírito, corruptores do sexto sentido, calhava muito bem a intervenção de um severo cabo de mar.

Imoral, viciador dos bons costumes, ofensivo de todas as convenções, digno de multa, de prisão, de todos os castigos, sem exceptuar os contundentes da chibata, ou palmatória, admite-se que se considere a exposição em público de misérias daquelas entre as melhores obras saídas das mãos de Deus.

A CABO de ler um relatório do professor P. Novitzei acerca da evolução, organização e finalidade do teatro russo contemporâneo. Não sou crítico teatral. Não sou técnico da dramaturgia. Pelo que me não abalano a lavar despacho ou sentença sobre os prós ou os contras da vasta reforma enunciada no relatório. Mas acho oportuno, e mais do que oportuno, vantajoso anunciá-la aos que porventura a ignoram, para que considerem mais um aspecto da actual Rússia dos Soviéticos na sua luta contra o antigo mundo da burguesia.

Porque o teatro da Rússia, hoje, não é um passatempo, não é um recreio — é uma arma de combate, cuidadosamente preparada e municiada, com o ponto de mira assestado sobre as instituições que orientam a estrutura política e social de todos os demais povos.

Assim, enquanto estes povos, atraídos pela guloseima fácil ou pelo acepipe acirante do cinema, deixam cair o seu teatro no abandono e na indiferença, as Repúblicas Soviéticas levantam-no, tonificam-no, imprimem-lhe novos hábitos e novos intuitos, de elemento fútil de diversão transformando-o em formidável vanguarda de batalha.

Se Deus, quando quer perder os homens, não os ensandessesse, o exemplo do teatro bolchevique acordaria o teatro burguês para a luta contra a luta.

Posta a questão nestes termos, vejamos como a União dos Soviéticos a resolveu. A revolução de outubro deixou a Rússia, de súbito, a braços com a maior crise cultural do mundo desde a invasão e a subversão dos povos latinos pelos Atilas e Genséricos. Dum lado as ruínas do edifício arrasado. Do outro uma ideologia nova, uma nova moral que as grandes massas, chamadas à barra do poder, ou nem sequer assimilavam ou praticavam desordenadamente.

Foi nesta emergência, a balança cultural e ideológica em pleno desequilíbrio,

a necessidade da revisão crítica do património intelectual e moral do passado, impondo-se aos reformadores e aos apóstolos, que o dramaturgo surgiu na contenda, avançando para as primeiras linhas de combate, disposto a levar às massas inculcadas a consciência do momento, a instrução primária da ideologia criada nos laboratórios e da moral aconselhada pelas circunstâncias.

Esses dramaturgos, na sua maioria, desceram a terreiro vindos do Parnaso. É poeta Maiakovski, um dos primeiros construtores do teatro soviético. É poeta Selvinski, um dos autores que mais fortemente contribuiu para a sua organização. É poeta Bezymensky, um dos seus mais aplaudidos e procurados dramaturgos.

LENDO UM RELATÓRIO... O TEATRO SOVIÉTICO como arma de combate contra a burguesia

tem e os costumes de hoje, a actualização da psicologia humana pelas conveniências e necessidades em vigor.

Isto não quer dizer que logo, aos ensaios iniciais, esse teatro encontrasse uma expressão definida e um caminho sem obstáculos. Os seus passos de iniciação, sacudidos pelo nervosismo dos movimentos colectivos resultaram hesitantes, incertos.

Foram tentadas, ou tenteadas as muitas e várias formas do teatro burguês — a tragédia, o drama, a comédia, a farsa. Mas a primeira forma que nos palcos soviéticos encontrou fisionomia e expressão de relevo foi a do drama heróico — o drama heróico constituído e dinamizado no sentido de revelar ao grande

público os lances capitais da guerra civil, os mais audaciosos factos da organização socialista, os mais emocionantes momentos das acções e reacções produzidas no vasto laboratório social e político.

A *Tormenta*, de Belotserkonsky, é a peça modelo desse género, a que mais agita e comove as plateias russas. Seguindo o seu rasto fremente de aplausos surgem nos palcos *O comboio blindado*, *o Poder*, *a Insurreição*, e outras, e muitas outras.

O drama heróico em cena tem um carácter essencialmente político. Por vezes, pela necessidade de focar o grotesco das situações combatidas, alia-se-lhe a comédia satírica de costumes. E é desta aliança de géneros que surgem novos aspectos ao teatro moscovita. A sátira sangrenta desferida contra os hábitos e as tendên-

cias da burguesia alterna em cena com o drama heróico revelando os efeitos bolcheviques na revolução e no poder.

O *Mandato*, comédia de Nicolau Ergeman, é a peça inicial da nova fase. Segue-se-lhe, entre outras, o *Bôlo impertigado*, de Romachev, o *Engraf, caçador de aventuras*, de Taiko. Taiko e Romachev, não se limitam a jogar em cena com costumes antagónicos da ética bolchevique e da ética burguesa — põem em foco, simultaneamente, e principalmente o primeiro, muitos dos factores negativos da vida.

Mas este género de comédia não se filia em nenhum dos géneros antigos ou modernos das plateias ocidentais. Não segue os moldes da comédia sentimental do período romântico. Não se preocupa com a observação psicológica e a traça equilibrada da comédia dominante na era naturalista. Tendo apenas um fim: — derruir o passado, actua somente pelos efeitos imediatos e simplistas do grotesco hilariante, da ironia cáustica, do fantástico negativo. Pelo que, o género teatral resultante destes elementos em acção, é verdadeiramente a comédia paflo.

A *conspiração dos sentimentos*, de Olecha, o *Percevejo* de Maiakovski, são expressivos documentos deste teatro.

Tendo falhado as primeiras tentativas de teatro histórico, é este hoje um dos géneros mais procurados pelas plateias russas — dominando no género a tragédia histórica, de que é paradigma o *Sobre*

o sangue, e a tragédia histórico-heróica, que tem por expoente a *Insurreição*.

O teatro histórico da Rússia vermelha, porém, não procura, como o nosso, levantar as figuras e os feitos notáveis da história nacional no afan de lisongear sentimentos e tonificar energias ao sópro dos grandes exemplos ressuscitados. O seu fim é outro. É outro o seu processo. As figuras e os feitos do passado são a sua melhor arma de combate contra esse mesmo passado — e mais em benefício do futuro do que do presente. O passado serve-lhe apenas para justificar a revolução de outubro, e os seus excessos, e as suas sangueiras.

São para observar ainda as tentativas de teatro colonial, de teatro rural —

O dramaturgo limita-se ao papel secundário de fornecedor da matéria prima para a nova e permanente catequese. Ao director de cena, chama-se Meyrkold, Sokolo ou Alexis Popov, incumbem a realização dos meios de tornar o espectáculo, não apenas atraente, em especial imperativo, sempre dominador, sacudindo e subjugando as massas pelo conjunto de elementos de sugestão extraídos da cõr, do movimento e do som. Por sua vez ao actor cabe o primeiro papel no apostolado político e social do mundo soviético. O actor tem de ser portanto um homem de sólida cultura dentro da ortodoxia revolucionária. Não é um mero intérprete do dramaturgo — é o mestre da nova escola, servindo-se do drama ou da comédia

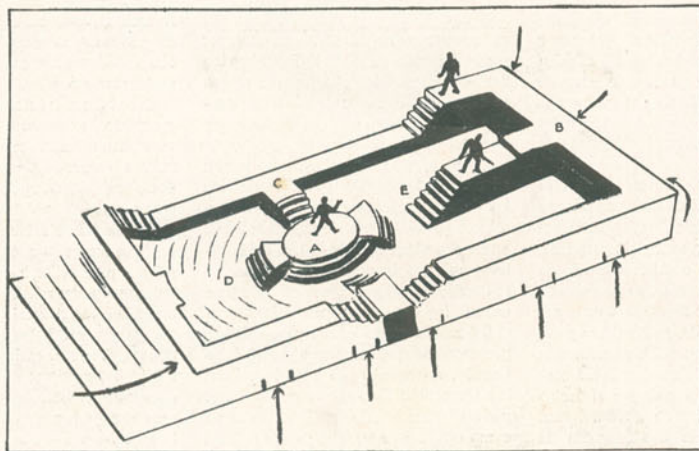
como se fossem o compêndio oficial, a que lhe cumpre dar vida e acção, que lhe compete tornar o exemplo palpante de realidade para a demonstração da tese em causa. Não é o passivo executor dum papel — é o tribuno, é o propagandista da reorganização política e social das massas.

É para que o público se interesse pelo teatro, para que o procure, o sinta, o discuta, o público está em

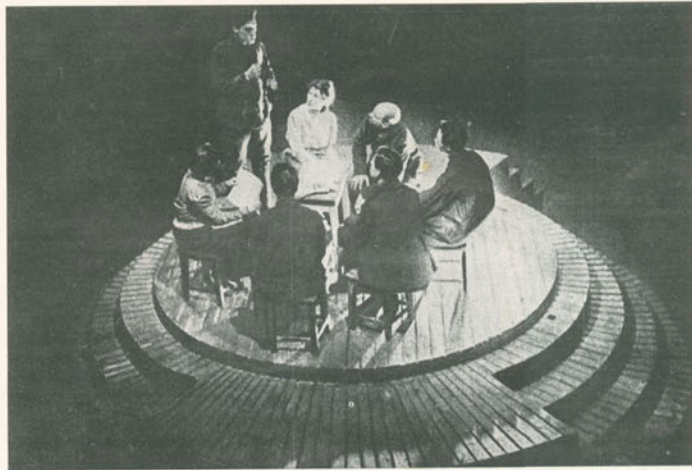
contacto com o dramaturgo, o director de cena e o actor, insinuando-lhe as exigências e as necessidades da sua cultura ou do seu gôsto, através dos *soviets* artístico-políticos que funcionam junto de cada teatro, de cada fábrica, de cada escola.

Quer dizer — enquanto o mundo burguês, esquecido das suas conveniências, deixa morrer de fome e inação a escola sugestiva do teatro, o mundo bolchevique activa-a, organiza-a, converte-a numa das grandes milícias da sua propaganda e do seu credo.

Porque não atentam nisto os que procuram ainda dominar os impulsos ou atenuar os embates da onda que por todos os lados bate os fundamentos do velho mundo?



Esquema da disposição do «Teatro do Proletariado russo», feito pelo dramaturgo Zetnerovitch, que adapto à cena a conhecida novela de Máximo Gorki intitulada «A mãe»



Uma cena da peça «A mãe», tirada da novela de Gorki. Como se vê, o «palco» é iluminado por meio de refletores colocados no tecto. Não há cenários, nem ponto

S é a aliança de Portugal com a Inglaterra, aliança velha de séculos, é sempre aludida e afirmada com entôno em cerimónias públicas e, sobretudo, de carácter diplomático, certo é que entre o vulgo, no íntimo de cada um de nós, acirrando ressentimentos deixados por um lillgio que entre as duas nações se levantou no último quartel do século passado, persiste uma vaga desconfiança de que não é leal, não é pura de ambições reservadas, a amizade que o povo britânico diz dedicar-nos. E daí não raro se observa que essa desconfiança se infiltra mesmo nas esferas oficiais e, instintivamente, embaraça, adúltera a solução de problemas que tanto a Portugal como a Inglaterra interessam por igual e que tudo aconselharia a arrumar sem dificuldades.

Porque sabemos forte e prática a nação inglesa, e porque temos, a par, a consciência de que, fracos, ainda agravamos mais essa fraqueza com os nossos inúmeros desmandos, com a nossa recorrente política de sinuosidades e de mendicidade de recursos, tudo esperando de empréstimos e tudo confiando de milagres, gerou-se e adiou-se em nós o receio de virmos a ser vítimas de uma extorsão por parte da nossa aliada e naquêl que, a todo o momento apontamos como a única razão de ser da nossa independência — as colónias. E tal receio ainda mais se vincou desde que houve conhecimento de que a Alemanha firmára om a Inglaterra um pacto secreto, cuja base era exactamente a partilha, entre as duas, do nosso rico património ultramarino.

Filho do sentimento patriótico, o nosso receio, desconfiança nossa que os factos vieram justificar, dir-se-á.

Que não é bem assim ou, melhor, que o germe dêsse receio não é um patriotismo são e inteligente, mas sim pervertido e míope, e que nessa desconfiança há uma completa ausência de visão política, — vem mostrar-nos e demonstrar-nos o dr. Artur Ribeiro Lopes no seu recente e brilhante opúsculo, que intitulou A Convenção Secreta entre a Alemanha e a Inglaterra sobre a partilha das Colónias Portuguesas, com páginas de comentário lúcido e corajoso, entremeadas de citações de documentos que a pouca gente foi dado até agora conhecer. Da leitura dêsse valioso estudo, não só obtemos a noção de que a cobiça que tantas vezes tem estendido garras sobre as nossas possessões africanas, por muito que nos pesé reconhecê-lo, unicamente nós a provocámos e alentámos, como lambém, com o autor, chegamos a concluir que a tão discutida Convenção Secreta, em vez de ser uma arma manejada pela Inglaterra contra Portugal, foi exactamente, «em certo momento histórico, a única forma hábil da Inglaterra salvar a integridade das Colónias Portuguesas».

Do valioso trabalho, bem á altura da mentalidade clara e desempoeirada de Artur Ribeiro Lopes, um nome de prestígio no fóro e que, como escritor, se impôs igualmente, desde que trouxe a lume o seu esplêndido livro de ensaios A Inteligência na Literatura Nacional, pedimos vénia para transcrever, pouco menos que na íntegra, a parte do Prefácio, síntese do problema versado no texto do voluminho:

As nossas relações políticas e económicas com a Gran-Bretanha raras vezes têm constituído o objecto duma verificação consciênte.

A vaga de patriotismo que há 40 anos embalou enganadoramente o sentimento público, dificilmente, e, em raros espíritos, se tem quebrado de encontro a uma sólida noção dos factos.

E, no entanto, nos momentos graves para a vida da nacionalidade — fevereiro de 1873, junho de 1896, 6 de agosto de 1914, junho de 1916, ou quando os governos entendem anunciar ou confirmar uma política externa digna — declarações do sr. presidente do ministério em 25 de julho de 1932 e do sr. ministro dos negócios estrangeiros em maio de 1933 —

A aliança inglesa e as nossas colónias

é só na Aliança Inglesa que nós encontramos a defesa do interesse nacional.

Esta, a verdade permanente da nossa política externa.

Todavia, por uma destas aberrações humilhantes, em Portugal, geralmente, só se entende por patriotismo as demonstrações mais ou menos ruidosas contra a velha aliada.

Dir-me-hão: é necessário não confundir o interesse da Aliança com o dever de nos defender-mos duma tentativa de expoliação latente.

E citam-se factos históricos, tal como êles se perpetuaram na tradição oral dos



Dr. Ribeiro Lopes

botequins, sem a investigação documental necessária à história de todos os acontecimentos,

Citam-se mesmo questões suscitadas entre nós e a Inglaterra que foram, afinal, submetidas a arbitragem, e em vez de se constatar que a mais poderosa Nação da Europa se submeteu á decisão dum Tribunal, que a ambas as partes julgou, em perfeita igualdade, comenta-se o facto como um atentado horrível!

Parte-se sempre duma verdade afectiva sobre a "perfidia Albion," e todas as deduições enfermam depois da mesma origem sentimental.

Infelizmente, uma boa parte da nossa opinião culta fixa o seu conhecimento da Aliança Inglesa, numa espécie de antropomorfismo simplista, donde nasce depois a explicação unilateral e infantil da nossa pequenez ao lado da grandeza britânica. Não temos mais colónias porque a Inglaterra no-las expoliou; não temos uma situação brilhante no concerto das nações porque a Aliança nos oprime; não temos uma indústria porque a Inglaterra no-la arruinou; e não dormimos ainda descanzados, quanto á integridade do Im-

pério Colonial, porque o "leopardo," não dorme.

Atribue-se à Inglaterra uma atitude imóvel, no tempo, em relação a nós. O povo inglês, para essa mentalidade crítica, não está, como todos os po-

vos, sujeito ás leis da História, ás correntes das idéas e dos sistemas, á força dos acontecimentos e das paixões, ao movimento da sua própria evolução interna, à eterna criação da vida, em suma.

A história das nossas relações com a Inglaterra não contem factos condicionados por circunstâncias próprias a cada um dos povos. São atentados cometidos sempre pelo mesmo algoz contra a mesma vítima.

A Aliança Inglesa, é na essência e na forma, um acto jurídico, nasce do acôrdo de duas vontades livres; a desproporção de território, de população ou de armamento, em nada influe nas normas de direito que regulam a existência dêsse acôrdo.

E, em vez de nos fixarmos nêsse conceito realista, defensivo dos nossos interesses supremos, temos praticado, quasi sempre, a política da servidão perpétua. E' do dominio público que o partido republicano mandou a Londres três enviados pedir licença á Inglaterra para fazer a República! O que inspirou êsse facto? O mesmo sentimento de tribu submetida á Soberania Britânica. A resposta do ministro inglês foi clara e elucidativa:— Portugal escolheria as instituições políticas que lhe aprouvesse; não esteve nunca nos desígnios da política externa inglesa influir na vida interna dos povos.

Se êsses homens tivessem uma noção objectivo da Aliança não cometeriam aquele acto de vassalagem, demonstrativo da inaptidão civica dêsses dirigentes, que, preparando-se para proclamar uma liberdade maior, começaram por reconhecer a existencia duma servidão nacional.

E' a êsse «fatalismo» que é necessário opôr todo o vigôr da nossa consciência intelectual. E' necessário opôr à voluptuosidade duma opressão imaginária a essa «delicia» oriental, a exacta noção de que as nossas relações com a Inglaterra contém o mesmo julgamento jurídico das relações contractuais da Inglaterra com qualquer outro povo. A sua persistência, no tempo, resulta do facto da Aliança conter, em relação a qualquer das partes contractantes, um acto expon-tâneo de vitalidade.

Esta a verdade simples pela qual é necessário lutar, não contra a outra parte contractante porque não há povo mais sensível a todas as razões de direito e equidade do que o povo inglês, mas contra nós mesmos, contra essa aberração que prefere gosar a volúpia amarga dos oprimidos a reconhecer aquela verdade como um dos fundamentos positivos da Aliança Inglesa.

Daqui resulta que a maior parte dos interesses ingleses submetidos à apreciação das entidades oficiais é vítima duma suspeição latente, raro constitue o objecto dum entendimento claro, e, quasi sempre, tenebrosamente obscurecida pelas "informações," e "relatórios."

Não é caso inédito a descoberta de um rapaz de origem portuguesa que em país estrangeiro pratica com êxito o desporto, conseguindo pôr em evidência, num meio mais favorável, as magníficas condições da nossa raça.

Recordemos, como típica, a inclusão nos atletas olímpicos de 1928 do corredor de steeple Henrique Santos, residente em Nova York e selecionado à base das suas performances americanas. Se em Amsterdam êle falhou por completo, o facto deve atribuir-se apenas a escassez de preparação, pois as referências oficiais colhidas nos Estados Unidos garantiam-lhe uma classe relativa e suficiente para seu aproveitamento.

Outros exemplos poderíamos apontar, em França, no Brazil e sobretudo nos mesmos Estados Unidos. É natural que assim seja; as colónias portuguesas nestes países são numerosas e os rapazes, seguindo a orientação geral, enveredam pelo caminho do desporto onde alguns conseguem impôr-se. Na Califórnia, salvo êrro, os grupos portugueses de foot-ball figuram entre os melhores. Para esta lista já abundante, pois citámos apenas casos isolados sem pretensões de arquivo global, queremos contribuir com mais uma unidade, de interesse evidente e que chegou ao nosso conhecimento de maneira curiosa.

Ha alguns meses, foi-nos entregue uma carta proveniente da América e endereçada em nosso nome para a séde do Sporting Club de Portugal.

Escrita à máquina, num português menos que rudimentar, era-nos dirigida por um americano, filho de pais portugueses, que mal sabia falar e escrever a nossa língua mas conservava no fundo da alma um interesse instintivo por êste velho cantinho da Europa, que já não era a sua Pátria, mas fôra a dos seus antepassados.

O nome nada dizia: Ralph Daugherty Swartz, não traduz a menor reminiscência de um apelido luzitano.

No entanto, a afirmação não oferecia dúvidas e o teor da missiva, na sua simplicidade infantil de redação, manifestava um enternecedor desejo de portuguesismo a que não fomos insensíveis.

Ralph Daugherty dizia-nos: «Tenho lido um pouco dos seus artigos nos jornais portugueses pois que muito me tem «emtersado» (sic.). Sou um modesto jogador de foot-ball americano ou seja rugby como chamam em português. Agora mando-lhe uns jornais americanos e um magazine onde pode vêr a minha pessoa».

O magazine em questão é um número especial de *Illustrated Foot-ball*, revista nacional do foot-ball americano, incluindo o anuário da época de 1932.

Depois de vários artigos de análise e estatística, apresenta uma série de fotografias de jogadores acompanhadas de alguns dados biográficos e que designa: «All American Gallery»; é, no entender do cronista, o team selecionado

UM PORTUGUÊS É "AZ" DO DESPORTO

NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉ- RICA DO NORTE



Ra'ph Daugherty Swartz

dos Estados-Unidos, os onze melhores jogadores nos respectivos postos.

Ralph Daugherty, de Pittsburgh, ocupa o lugar de centro, e consagram-lhe as seguintes referências: «— Altura: 1^m,82, peso: 83,700 kg.

Daugherty é o provisor da forte linha de Pittsburgh. É um jogador com grande alma para a luta e uma rara habilidade de movimentos nas fases mais brilhantes do jogo. Fornece sem desfalecimento jogo aos backs. Carrega com vantagem todos os homens que defronta e a fôrma como apoia a linha é baseada numa coragem e numa audácia que mais valorisa a sua grande

robustez. A sua acção durante a época foi tão destacada que lhe mereceu ser escolhido para a equipe Morrisson, de Michigan».

Logo que estes documentos me chegaram às mãos, escrevi por minha vez a Daugherty, solicitando vários informes e agradecendo-lhe a lembrança de se me dirigir.

Em princípios de Março findo recebi nova carta, que reproduzo, corrigida das faltas ortográficas tão pitorescas do longinquo compatriota:

«Sr. dr. Salazar. — Recebi há dias uma carta sua e fiquei satisfeito por saber que foi recebedor da minha correspondência. Peço-lhe que me desculpe não lhe ter dado logo resposta mas o motivo foi encontrar-me no hospital em virtude de um acidente que tive com o meu automóvel.

Pede-me para eu lhe dar algumas informações a respeito da minha carreira desportiva, na América; não o posso fazer agora, mas vou contar-lhe algumas coisas.

A minha idade é de 22 anos e comecei a praticar o atletismo aos 15; três anos depois fazia os 5.000 metros em 15 m. 10 s. 1/2, 3.000 metros em 10 m. 27 s. 2/5, 1.500 metros em 4 m. 12 s. 1/2. Saltei em altura 1,1^m 80.

Pratico também a natação porque gosto muito.

Com respeito ao rugby comecei a praticá-lo aos 18 anos e o meu primeiro jôgo foi no ano seguinte em que alinhei contra a equipe da Marinha Americana, que era campeão da América naquela ocasião. Jogava eu então pelo Pennsylvania Sattes College que era um dos rivais da Marinha e saímos vencedores do encontro por 6 a 3, um ensaio alcançado por mim e outro pelo meu colega Fernando Sullivan que também é de família portuguesa mas nascido na Califórnia.

Mais tarde saí do Colégio e comecei a minha carreira de engenheiro na United States Steel Corporation, continuando sempre a jogar.

Meus pais querem levar-me aí a Portugal em fins de 1933, e demorar-me-ei um ano, tendo ocasião de me encontrar consigo e talvez fazer alguns jogos no seu grupo.»

Se tomarmos estas referências como exactas, e nada nos autoriza a duvidar, o valor de Daugherty como atleta fica avaliado pelos seus tempos dos 1.500 e dos 5.000 metros que superaram os records nacionais portugueses. Também 1,1^m 80 é uma altura desconhecida dos actuais especialistas nacionais e que entre nós apenas Pascoal de Almeida conseguiu ultrapassar.

Esperemos que realmente Ralph Daugherty visite Portugal como no-lo prometia e poderemos então avaliar as suas qualidades atleticas.

Salazar Carreira.



No campo de Sintra—Da esquerda para a direita: Rouhier, do «ECHO» de Paris, tenente-aviador Placido de Abreu, piloto Lefevre, comandante Ribeiro da Fonseca, Henry Farbo e Conde de Clermont-Tonnerre

O "RALLYE" AÉREO FRANÇA-ESTORIL ESTIVERAM EM LISBOA DEZ AVIÕES FRANCESES

No dia 14 do mês passado aterraram no campo da Granja do Marquês, em Sintra, dez aviões com turistas franceses. Eram esperados pelo sr. tenente-coronel João Luis de Moura, comandante da Escola de Aviação, major Lelo Portela, adido militar em Paris; o adido da aeronáutica francês, D. José Saldanha e engenheiro Abel Pessoa, representantes do Aero Club, engenheiro Almeida Araujo, do Conselho Nacional de Turismo, etc.

O primeiro avião francês a tocar em terra era pilotado pelo avião Lefevre, que conta no seu activo uma viagem aérea à África, o trajeto solitário de Paris ao Cabo em cinco dias, num «Mouloussens» de 15 HP., e uma viagem a Saigon.

A seguir chegaram mais dois, um deles tripulado pelo capitão Challes que já fez a travessia do Atlântico Sul. Depois aterraram os restantes. A caravana de pilotos e de passageiros era composta pelos srs. capitão Baradez, representante do ministro do Ar e director dos serviços de propaganda da aviação civil do Ministério do Ar; capitão Challes, conde de Clermont-Tonnerre, Detré, vencedor da «Coupe Deutsche»; Chibout, piloto Duriste, De Broé, director da casa Breguet e Lefevre, e a de passageiros os srs. Aussoillant, Ferreira dos Santos, director da Casa de Portugal em Paris, «maitre» Beaujard, advogado em Paris, Mile Lola Kohn, artista de cinema; e os esposos Chollat e o conde Thierry de Clermont.

Na sala dos oficiais da Escola de Aviação foi-lhes oferecido um «Porto de Honra». O sr. comandante João Luis de Moura deu as boas vindas aos nossos hóspedes. Respondeu-lhe o avião Baradez agradecendo a recepção

e fazendo elogio à forma como estavam sendo recebidos. Disse este oficial-aviador que voara sobre a Batalha e no claustro do mosteiro deixara cair um lindo ramo de flores, em homenagem ao soldado desconhecido que ali dorme o último sono. Era uma incumbência do sr. Pierre Cot, ministro do Ar do gabinete francês, e o ramo trazia uma fita de seda com as cores francesas e uma dedicatória daquele membro ao governo.

A caravana tomou depois parte em automóveis e dirigiu-se para o Estoril, onde à noite, lhe foi oferecido um banquete pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol.

Presidiu o sr. Guilherme Cardim, presidente desta Sociedade, que tinha à sua direita a dr.^a Irene de Vasconcelos, o sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo da Presidência da República, M. Lefevre, e Lelo Portela, adido militar à legação de Portugal em Paris.

A sua esquerda estavam M.^{lle} Kohn, o sr. Chollat-Traquer, dr. José Pontes, da Comissão de Propaganda e Turismo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e M. Natruson, da revista parisiense «Vu». No outro lugar de honra, sentava-se o sr. Curely, ministro da França. A direita deste diplomata estava Madame Chollat-Traquer, capitão Challes e major França, e à esquerda Madame Natruson, coronel Cifka Duarte, comandante Baradez e Pinheiro Correia.

Nos outros lugares sentavam-se dezenas de convidados, entre os quais os aviadores franceses que vieram a Portugal, e muitas personalidades de categoria, jornalistas, etc.



No campo de Sintra—O célebre piloto Georges Detré, vencedor da «Taza Deutsche de la Meurthe»,—ganha entre outros concorrentes—no lado do tenente-aviador Placido de Abreu, o nosso «at» da acrobacia



Aspecto do almoço oferecido pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol aos nossos visitantes na «Sala dos Reis» do Palácio da Pena



No dia da chegada, realizou-se no Estoril-Palácio um banquete aos tripulantes da «Esquadriha da Amizade Franco-Portuguesa», oferecido pela Sociedade da Costa do Sol



Fotografia tirada durante o «Porto de Honra», oferecido pelo comandante da Escola da Aviação de Sintra, sr. comandante João Luis de Moura, aos tripulantes da «esquadriha» no dia em que ali aterraram os dez aviões



Grupo dos pilotos e passageiros dos dez aviões que aterraram em Sintra. Entre eles, vêem-se, além de alguns aviadores portugueses, a sr.^a D. Irene de Vasconcelos e o sr. Virgílio Soares secretário-geral da Sociedade da Costa do Sol

ESTÁ em foco a terra germana, a Alemanha, a irrequieta filha da velha Europa que aos seus úberes fartos alimenta bons e maus rebentos, e que coitada, como todas as mães, se arrepela por vêr que entre os irmãos ha sempre a mesma discussão as mesmas birras por vezes sangrentas, ainda que preceptores afamados se esforcem por fazer ouvir aos meninos já com idade de ter juízo a voz da razão e das próprias conveniências.

Esta senhora Europa teve a má sorte de desentranhar-se em fêmeas, ás quais está de sentinela um filho varão — Portugal de seu lindo nome, e que — sendo dos mais ajuizados é contudo impotente para conter as loucas irmãs na sua crescente ambição e desenfreada vaidade, sabido como é que as fêmeas são duras de ouvido, quando a prudência lhes fala.

Um homem saído do povo trouxe aos soalheiros monótonos de *après-guerre* uma nota estridente e berrante de colorido, para desenferrujar as línguas das comadres bairristas.

Esse homem é um assunto interessante pelo seu atrevimento e pela sua astuciosa maneira de *Führer* de multidões e ideias; mas prefiro aproveitar outra figura para assinalar esta vaga de actualidade que envolve a pátria do "Chanceler de ferro", porque podia dizer tolices ou verdades muito amargas.

Assim, deixando aos *Publicity men* de "Charlot", o bigodinho hitleriano e o mais que quizerem, beneficio-me, não discutindo coisas mais entendidas pelo outro sexo, e evito aos meus semelhantes algumas mal humoradas referências.

Um nome se impõe á minha escolha, êsse, já escondido na Eternidade, lançando de lá sôbre o mundo inteiro jôrros duma luz fortíssima que encandeia — Goethe.

Johann Wolfgang von Goethe formou com Schiller o mais forte esteio da Literatura rimada da Alemanha.

Mas Goethe era um génio mais variado, de concepções múltiplas.

É verdade que teve por si o destino, que o fez nascer de pais com fortuna bastante para que pudesse entregar-se aos seus estudos e locubrações que tocavam as ráias da metafísica e da mais subtil filosofia.

Se êle fôsse um pobre diabo apenas

LUZES DA ETERNIDADE

inteligente, tendo que escrever á pressa para ganhar o pãozinho diário e pagar os seus estudos, aproveitando "ganho" aqui, "gancho" acolá, é possível que não tivéssemos no escrínio mundial as jóias preciosas que se chamam *Fausto* e *Werther*, sem esquecer essa flôr mimosa que é *Mignon* e que o Poeta foi buscar aos jardins



GOETHE — O mais forte esteio da literatura rimada alemã

da Itália, onde o amor anda tão perto do ódio que a vingança assiste.

Que doçura encerra a canção de *Mignon*, que começa assim:

"Kennst du das Land, wo die Zitronen blühen, im dunklen Land die Goldorangen glühen . . .

E que em francês soa melhor aos nossos ouvidos de latinos; adaptada ás exigências da língua:

"Connais-tu le pays où fleurit l'oranger, où la brise est plus douce et l'oiseau plus léger . . .

Essa *Mignon* não foi uma fantasia do seu autor: Conheceu-a e amou-a decerto.

* * *

Em Francfort rendeu-se aos en-

cantos duma Margarida, de humilde extração de quem fez a ingénua tentada pelo Mefistofeles para ceder aos requestos de Fausto onde o Poeta se retratou na sua gula do pleno conhecimento do mistério da vida universal, como emprestou um outro amor, Frederica Brion, á apaixonada de *Werther*.

Goethe não foi como o seu *Werther* um exclusivista da paixão, dando toda a sua alma a uma só mulher.

Amou várias e tanto lhe serviam as amantes na sua mocidade de impulsadoras do seu estro como igual efeito teve nos seus trabalhos a jovem operária que foi mais tarde sua esposa, Cristina Vulpus.

O divino alemão, glória da humanidade, foi um espírito sedento, nunca saciado de novas modalidades. Podia limitar-se a ser um altíssimo Poeta, mas a sua ância de saber levou-o aos estudos da magia dos quais nasceu *Fausto*, e frequentou até cursos de anatomia e de botânica.

Os seus biógrafos dizem mesmo que êle descobriu no nosso corpo um osso novo. Confesso a minha ignorância a tal respeito, e faz-me pena, porque gostava de saber onde tenho o "osso de Goethe", como é designado êsse bocadinho do esqueleto humano.

As questões sociais também preocuparam em certa altura o autor de "Goetz von Berchlinger", que nesta obra ergueu um herói do povo da Alemanha medieval, do mesmo

estôfo daqueles que Alberto Dürer immortalizou nas suas gravuras.

Goethe sofreu, como todos os que valem, deturpações e comentários agri-doces dos seus contemporâneos.

O filósofo, o homem e o pensador foram fortemente atacados, mas era tão grande o seu talento que tudo venceu e derrubou.

E admirado, adorado, Goethe morreu ainda insatisfeito, ainda ávido de claridade espiritual, e foi pedindo luz, mais luz, que os seus olhos se fecharam para sempre, ao romper da primavera de 1832 que o calendário universal regista em caracteres inapagáveis.

Mercedes Blasco.



O general Machado, ex-presidente da República de Cuba, que foi obrigado a demitir-se perante o golpe de Estado

A REVOLTA DE CUBA

contra a ditadura
do general Machado



Aspecto do «Paseo del Prado», em Havana, onde se travaram combates entre os machadistas e os revoltosos



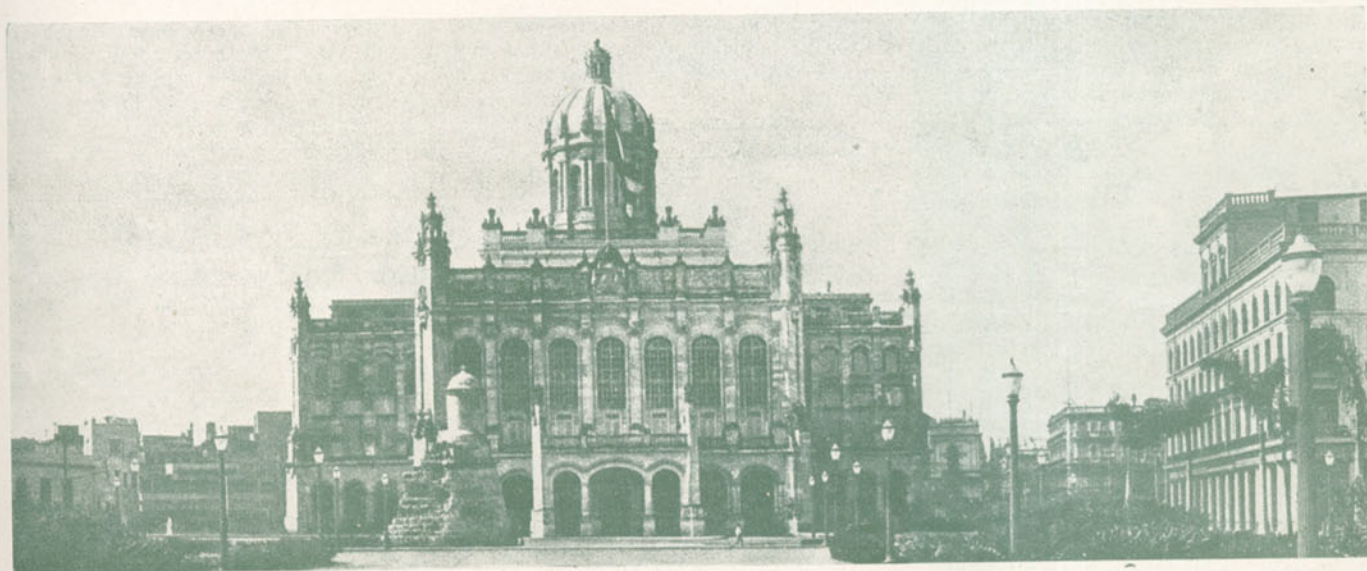
Carlos Manuel Cespedes, que foi eleito, após o triunfo da revolução, presidente provisório da República cubana



O Parque Central de Havana, vendo-se ao fundo o magnífico palácio do Capitólio



Uma vista de Havana. Ao fundo divisa-se o forte do Morro, reduto dos revolucionários



O Palácio Presidencial de Havana, visto da Avenida das Missões, que foi assaltado pelo povo, logo após a fuga do general Machado

Nestas extensas terras angolanas, por um fenómeno de reflexo ou pelo hábito de imensidade, o tempo e a distância não dificultam viajar. Fazem-se duzentos quilómetros de automóvel, com outros do cento e cinquenta regresso, para ir a um baile ou a um jantar. Fazem-se quinhentos quilómetros para ir a casa dum amigo descansar uns dias... das fadigas anteriores à viagem! Com as fadigas dessa viagem ninguém se preocupa.

Verdadeiramente, o facto de se fazerem convites a pessoas de tão distantes moradas não me chegava a admirar. O que me espantava é que se aceitassem...

Até que, nos últimos dias de junho, recebi uma carta, uma carta que começava assim:

«Realiza-se no dia 1 de julho o meu casamento etc...»

Fiz as malas, e no dia 27 de junho, pelas 11 horas da noite, parti:

Estando em Roma, fazia como os romanos!

Parti de Luanda num dos transatlânticos da Companhia Colonial. Estava uma noite muito escura, carregada da humidade que este céu destila seis meses no ano. Corria uma aragem que parecia o hábito de boca doente: o céu descia em massa compacta de vapores enovelados e plumbeos, tão baixo que quasi passava pelas cabeças. Tínhamos na pele, nos cabelos, nas roupas, a humidade morna destes invernos tropicais.

Na manhã seguinte, estavam em Pôrto Amboim, uma vilasita à beira-mar, casario salpicando de cor a massa amarelada e desolada das terras. No dia 29, pelas oito horas da manhã, atracamos ao cais do Lobito.

Com trinta e três horas de travessia marítima, terminava a primeira parte da viagem, da viagem que eu fazia para ir a um casamento!

Lobito é uma das mais ridentes povoações angolanas, pela graciosidade dos arruamentos, dos edificios, pela beleza da posição em que assenta, pelo esplendoroso futuro que a situação geográfica lhe permite desejar. Da costa, destaca-se uma extensa faixa de terra e areia, longa de légua talvez, estreitando ao aproximarem-se da ponta. A meio comprimento dobra-se, corre quasi paralela à costa, formando do lado interior a melhor baía da Africa Occidental. É nessa faixa de terreno que o Lobito assentou arraias. Quando se passeia pelas longas avenidas vê-se dum lado e de outro o mar, como se viajássemos numa nave gigante, que os empurres das ondas não movessem, que caminhasse serena, verdejante e segura entre o azul do céu e o do mar.

Parte do Lobito um caminho de ferro internacional, o Caminho de Ferro de Benguela, até ao Congo Belga. Em Elisabethville tem ligação com a linha belga e daí até à Beira, Johannesburg, Durban, Cape Town — o mundo —!

Nesse mesmo dia 29, pelas 2 horas da tarde, tomei o comboio que me levaria

à terra onde eu ia assistir ao tal casamento.

Tinha visto um grande pôrto, vi depois uma grande gare. Sem edificios de arquitectura imponente, sem coisa alguma que tenha beleza ou arranjo, a gare do Caminho de Ferro de Benguela, no Lobito, tem uma linha geral de grande envergadura. Lembra-me um enorme, um majestoso palácio, de que só se encontrem erguidos os vigamentos em aço e carpintaria. Quando estas terras angolanas forem o escoamento da natalidade europeia, jurem que serão aqui construídos os palácios que visio agora.

O comboio é pequenino, como os comboios da nossa linha do Corgo, que vai da Régua a Chaves.

Polido, envernizado, estofado, atapetado, luzente de vidraria, espelhos e metais niquelados. Tem comodidades ignoradas nas carruagens portuguesas: um



O trajeto da viagem: Luanda a Vila Luso

amplo gabinete de "toilette" a cada ponta, perfeitamente limpo, com toalhas impecáveis, com sabonete, etc. Um filtro para água, de cada lado também. Dentro do compartimento, que é transformável em quarto, há um lavatório em alumínio reluzente, disfarçado, um espelho encaixilhado em tiras de mogno, que desdobram em mesa, etc. A marcha é suave, sem-solavancos, dando comodidade, prazer e bem estar. Quasi toda a viagem se jogou o "bridge" na nossa mesa privativa.

Pouco depois de Benguela, a 36 quilómetros do Lobito, subimos uma áspera serra, que só com cremalheira o comboio pôde vencer, fazendo-nos passar quasi que do nível do mar para os 236 metros de altitude de S. Pedro. E os 907 metros do Cubal; é a serra de S. Pedro. É a mesma paisagem árida das nossas serras áridas, lages empoleiradas, rolandas, partidas, cabeços agrestes, barrancos atravessados por viadutos, os arbustos e as arvoreds desfolhados pelas ventanias fortes que arredondaram as arestas das rochas. Subimos; subimos para as regiões

AS VIAGENS EM ANGOLA PARA SE IR A UM BAILE OU A UM CASAMENTO percorrem-se, às vezes, mais de mil quilómetros

do frio, dos ares lavados, das terras do trigo; subimos para o planalto.

Passa-se a serra com 197 quilómetros de viagem e 907 de altitude. Deixamos a cremalheira e é com a máquina usual que continuamos a subir, na suave ascensão desta encosta planáltica.

Os campos que se avistam não têm beleza. O arvoredo não é frondoso, nem basto. Continuamente passam arvoreds disformes, de troncos arredondados e largos, tão grossos que alteram ao olhar a impressão da altura. Cinzentos, de casca lisa, empoeirada, como se sobre a sua disformidade e imobilidade pousasse poeira de séculos. Saem d'esses troncos uns braços, uma espécie de esguichos de lava petrificada, com raras folhas cheias de poeira e secas. Não têm as cabeleiras desgrenhadas das outras arvoreds, os mil braços e folhas que elas estendem ao ar e à luz, os troncos que oscilam e vergam, os aromas de resinas frescas, o aspecto de coisa viva, vibrante sadio, integrada na beleza e harmonia universais. São como elefantes enraizados, metidos na terra com as patas unidas e o dorso abafado, erguendo a tromba num gesto de supplica, num apelo de salvação. São os baobabs, os disformes gigantes da flora africana.

Tomo chá na mesa do meu compartimento. Passam estações pequeninas, com o seu pessoal uniformizado, gente branca e gente preta, todos atenciosos e correctos.

Apezar de se encontrarem em grêve e trabalharem compelidos por um regimen de militarização, todo o pessoal é perfeitamente educado e cumpridor.

Vem o crepusculo, rápido crepusculo tropical. Sinto um arrepiamento. Sobre a blusa visto o casaco *tailleur*. Fecho as janelas. E faz frio. Com as sombras vem um ar que não é meu conhecido...

Sô o tan-tan para o jantar. No corredor o ar é tão frio que recuo. Tiro da mala o casaco de peles, que pessoas amigas, velhos serranos do planalto, me aconselharam a trazer. E é envolta em peles, como se atravessasse regiões nevadas, que passo ao salão restaurant, igual a todos os salões restaurants da Compagny Internationale des Wagons Lits, na roupa gomada, nas porcelanas inglesas, nos cristais cintilantes, nos talheres prateados, no memé afrancesado.

Dizem-me que atravessamos regiões de flora exuberante. Na noite negra nada se avista, ofuscada ainda a luminosidade dos astros pela claridade do salão.

Rolamos através das trevas, como bala atirada ao coração da Africa.

Atravessamos estensões de Matagal onde só feras habitam. De noite, saem elas das fossas e das moitas, esporeadas de fome, os olhos avidos buscando todo o ser indefezto, ansiosos de esmagar nos dentes carnes palpantes de vida e dor, humidadas e quentes do sangue que ainda conservam. Na noite que nos envolve, que o comboio corta como um facho de fogo e um clamor de roncões, ouve-se o triturar dos ossos esmagados nos queixais dos carnívoros, o berro do antilope, — o roedor, — do macaco, no momento da fuga doída, sua única defesa e salvação. Uma pedra no nosso caminho, e também nós, criaturas que nos julgamos acima da animalidade, seremos carne esmagada, sangrando, aterrada, pasto de carnívoros e vermes. Os despojos dos mortos sustentam a vida!

A noite cresce, vem a hora de dormir. Dormi. Senti vagamente o rumor da marcha, algumas paragens, o movimento de quem vai e vem. Dormi com aquele perfeito aniquilamento que dá a sensação de nada sentir. E de manhã, quando um sol claro e frio, clareou o compartimento, ainda meio adormecida, ergui-me no cotovelo, levantei o store, olhei a paisagem saindo do diluculo...

Estava no Algarve!

Não era o Algarve das praias de areia de ouro, das ribas de rochas fantásticas, rendadas da espuma das ondas; não era o Algarve exótico das amendoeiras floridas, estranho e irreel como uma aguarela do Japão; era o Algarve da serra onde a figueira contorse e acachapa os ramos envelhecidos, onde a alfarrubeira esguedelha o verde triste da ramaria.

Cabeços arredondados de outeiros de terra vermelha, cobertos de arvoreds pequenas, arbustos e ervagens ligeiras; entre dois serrões abertos, erguia-se uma neblina vaporosa, denúncio de água corrente; para o longe, planos sucessivos de cumes estumados na bruma, onde sebrassia um pico altaneiro — a serra de Monchique, talvez; e confundindo-se com o céu havia qualquer coisa azulada na faixa do horizonte — o mar? — E aquele ar frio, aquele ar sadio da serra! Oh! minha terra! Como te tenho aqui!

Mas longe está essa linda terra, donde menina e moça parti; encontro-me a 300 quilómetros da costa africana, e o que avisto são planos afastados de terras, alargado o horizonte pela ascensão continua ao planalto, onde já ultrapassamos

1.500 metros de altitude; como é bom e sadio este ar cortante que estimula, afasta a apatia, a modorra tropical.

O gabinete de *toilette* permite uma lavagem cuidada *et se refaire une beauté*. O primeiro almoço vem à nossa mesa. Entramos numa gare espaçosa, e num vidro de lampeão leio: Lisboa.

Hein? Nova Lisboa! A futura capital de Angola. A 425 quilómetros da costa e a 1698 metros de altitude. Dentro da sua área, muito vasta porque o casario é disperso, há dessete mil habitantes, dos quais muitos colonos brancos agricultores. Faz-se cultura de trigo, de frutas portuguesas, de hortaliças; o clima é soberbo, conservando os brancos o aspecto rosado e sadio que teem em Portugal.

Tôda esta terra — tanta! — em que os pontos agricultados são perdidos aqui e ali, como os oásis no Saharah, daria alimento e trabalho a todos os nossos patrícios que mendigam um lugar recusado na terra estranha, no Brasil, na França, em Marrocos. E pensando na imensa desgraça dos que não teem trabalho e comer,



Do Lobito já se vai de caminho de ferro, até Cape-Town

espanto-me de que "aquele senhor que todo lo manda" posso gastar em coisas de utilidade duvidosa o dinheiro que seria de utilidade certa, preparando para a colonização estas imensas terras férteis, em climas sadios que não depauperam a raça branca.

E continua a viagem, a viagem que me leva a um casamento.

Em Nova Lisboa entrou na carruagem um padre missionário. Uma figura vigorosa. É o reverendo Souther, Superior da missão católica do Huambo, missionando em Angola há 35 anos. Conversamos. E vim a saber, com espanto, que não disfarço, que sua reverendíssima vai celebrar o casamento a que eu vou assistir. Fará 21 horas de comboio para abençoar os noivos! Vila Luso, para onde nos dirigimos, não tem um sacerdote mais próximo! Em Angola a vida leva outro ritmo.

Nos campos que vou avistando, sempre subindo até 1808 metros de altitude, vejo pela primeira vez o carro boer. São fortes trancas e fortes pranchas, tudo ligado a ferro, com duas ou três toneladas de carga, puxadas por vinte bois. Ultimamente destronado pela camionette, o carro boer voltou agora a circular. As dificuldades, cada vez maiores, levaram o agri-

cultor e o comerciante a aproveitarem este meio mais barato de condução, embora sofram os inconvenientes d'ele, como seja a deterioração da carga pelos temporais. Nas regiões que o automóvel não alcança, éle é o boi-cavalo (boi dando cavalaria) são os únicos meios de transporte.

Meio dia. Voltamos a almoçar. É o segundo dia de viagem, dia 30, último de junho. Começamos a descer em direcção a Silva Porto, a 1720 metros de altitude. Passámos afés 4 da tarde. É uma cidadezinha alegre no interior africano. Limpa, cuidada, com bons arruamentos, acolhedora e agradável. Tomou o nome daquele velho sertanejo que heroicamente morreu sobre uma barreira de pólvora, a que elle mesmo lançou fogo, quando não pôde cumprir a palavra empenhada, no forte que aqui assenta, e que em parte voou com elle, desfeito no mesmo pó que o seu corpo!

Seguimos sempre. Paramos em várias estações. Tôdas estas povoações são padrões do nosso esforço colonizador e mais defensivos dos nossos direitos à colónia que soldados e armamentos. Mas confrange o coração vêr esta gente branca como que perdida em tamanha extensão de terra brava, e... sem alentos de riqueza.

Veem vender ao combóio frutas da região, maçãs, morangos, ameixas, tão frescas e saborosas como as da Metrópole. Os colonos vestem as roupas dos nossos camponeses. Há muitos alentejanos, com o seu largo chapéirão, a calça à boca de sino, a jaqueta curta a cinta garrida de lã. Gente de boa cara, sadia, alegre. Gente que encontrou outra pátria, onde ao menos há terra e pão com fartura para todos.

Lembra-me agora a frase de Liantey: — Em vez de soldados, mandem-me cantoneiros.

Vem outro chá, outro "bridge", outro crepúsculo, outro jantar. Sempre conosco o frio. Ao sol, sente-se o conforto do lume. A sombra arripia. Li não sei onde que os planaltos de Angola são terras frias em que o sol é quente.

Noite. Rolo novamente no sôno, entre o rolar do combóio, na treva povoada de feras. A segunda noite de viagem. Tenho que me erguer do leito antes de partirem as estrélas. As seis horas chegaram à Vila Luso.

A *toilette* pronta, as malas fechadas, entro em Vila Luso no amanhecer do dia 1. Gêla. Enrolo-me em peles. O ar tem lâminas afiadas.

Na casa amiga que me recebe, um criado preto leva as minhas sedas claras, as minhas peles brancas, para as passar a ferro e sacudir. Outro prepara-me um banho quente de limpeza, e um duche frio estimulante. Às oito horas do dia 1 de julho, em Vila Luso, depois de partir de Luanda a 27 de junho, viajando 33 horas por mar, 40 horas por terra, numa extensão de 1035 quilómetros de linha, assisti à missa em que foram casados aqueles que me convidaram a vir acompanhá-los de tão longas terras!



O original modelo de saio-te-calcão lançado pela inglesa Wittingstal

QUANDO há cinco anos a americana Helen Wills se apresentou no terreno central dos tennis de Wimbledon, mostrando as pernas nuas, atleticamente inocente e despreocupada, produziu-se um movimento de assombro no público selecto do famoso torneio, composto pelo que há de melhor na boa sociedade britânica. Os fotógrafos apressaram-se a registar em suas máquinas a figura atrevida e imprevisível daquela estrangeira que ousava apresentar-se sem meias, mas hesitavam depois em entregar aos grandes periódicos ilustrados o precioso instantâneo, receando ofender o pudor dos leitores habituais, aferrados às velhas tradições moralistas.

As senhoras da alta sociedade inglesa que



Em Wimbledon fez sensação a blusa que exibiu a jogadora espanhola Pons

A NOVA indumentária para o tennis

presenciaram essa primeira exibição do simbólico gesto de independência da campeã americana, tiveram o primeiro propósito de abandonar em massa as tribunas do famoso estádio ou, pelo menos, tapar os olhos enquanto evoluçasse no «court» aquela rapariga atrevida que jogava sem meias e sem mangas, dando ampla liberdade de acção aos membros fortes e bem moldados de atleta desenvolvida. Por fim, mais sensatamente, optaram por ficar e sorrir.

O caso chegou a ser tratado na comissão de cavalheiros austeros que dirigem os destinos do tennis britânico, o mais elegante, o mais distinto de todos os tennis do mundo. Deveria ser aplicada uma advertência àquela Vénus de além-Atlântico que assim sacrificava um pudor convencional e clássico a uma liberdade de movimentos favorável à sua actuação de jogadora? Aqueles braços desnudos, as pernas libertas do envólucro pudibundo das meias, seriam motivo para malindre da dignidade nacional?

Também as decisões oficiais, como a decisão pública, não alcançaram tal extremo. O terrível «shocking» não chegou a ser pronunciado, e os lords desportistas sorriram por sua vez, contemplando talvez com satisfação, através o fumo dos seus enormes charutos, a linha graciosa e os gestos ágeis da joven artista, — miss Wills era uma pintora consagrada —, que, da mesma forma que revolucionava a técnica do jogo, transformava as bases da indumentária feminina na prática do tennis.

A novidade fez sucesso e, como tal, prontamente foi imitada por toda a parte, incluso a própria Inglaterra, da mesma maneira que anteriormente fôra adoptada uma outra inovação da mesma Helen Wills: a pala de celuloide a abrigar os olhos da incidência cegante do sol.

Os anos passaram e aquilo que em mil novecentos e vinte e oito pareceu atrevimento é hoje banal e sem importância. No terreno da liberdade de movimentos, outras conquistas mais importantes conseguiram as praticantes do tennis.

Este ano, no mesmo Wimbledon, a grande atracção foi o traje da espanhola Pons, cujas costas eram apenas cobertas, ou descobertas, por duas tiras cruzadas a segurar por cima dos ombros a parte anterior da blusa branca.

E agora, há poucas semanas, num «garden party» de lady Grosfield, tradicional no mundo do tennis porque a êle são convidadas as primeiras estrelas mundiais da época, a inglesa mistress Wittingstal, considerada a mais elegante e a mais formosa das jogadoras de categoria, lançou arrojadamente um modelo encantador de saia-te-calcão, curta, muito curta, fôra de todas as tradições mas essencialmente prática e desportiva. O mais curioso pormenor, sintoma característico da evolução dos costumes, é que ninguém se ofendeu, nem voltou a cara para o lado...

Neste ousado movimento de renovação os homens não quiseram ficar atrás, pretendendo também emancipar-se do uniforme clássico do tennis, elegante, sóbrio, mas incômodo.

Foi o inglês Austin, figura de destaque no seu país, o primeiro que ousou, apresentando-se em todos os torneios clássicos da temporada com um calção curto, por cima do joelho, e peugas brancas enroladas sobre os tornozelos.

Os imitadores afluíram, e nos encontros finais da Taça Davis, Cochet e Merlin apresentaram-se assim vestidos. Os calções, como a saia-te-calcão, muito mais compatíveis com o índice atlético do tennis actual, estão dentro da boa lógica. Conseguirão impôr-se e generalizar-se?

A resposta é difícil porque, expondo à vista pública as pernas dos jogadores e jogadoras, a questão estética entra em linha de conta e pesará na decisão pessoal de cada um.

Não esqueçamos que mistress Wittingstal é



Helen Wills — tenista inglesa de grande renome — já em 1928 usava este traje que pareceu atrevido

formosa e elegante; se tivesse umas pernas mal-feitas talvez não exhibisse o seu saio-te-calcão!



Merlin e Austin, quando este ano se apresentaram para a disputa da Taça Davis, iam de calção

UMA RARIDADE BIBLIOGRÁFICA

O único exemplar conhecido da tradução italiana do "Amor de Perdição,, de Camilo Castelo Branco existe na "Biblioteca Braidense,, de Milão

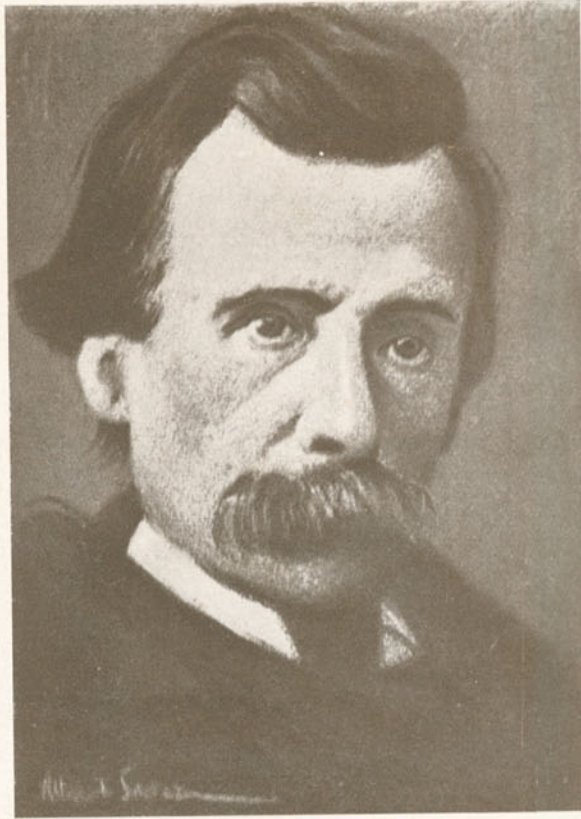
O falecido e erudito escritor Alberto Pimentel, com as suas interessantíssimas *Notas sobre o "Amor de Perdição,,*, a obra-prima de Camilo Castelo Branco, como romancista, na opinião autorizada de muitos dos seus mais ilustres críticos, prestou, incontestavelmente, um assinalado subsídio para a história da literatura nacional contemporânea.

Dissemos "na opinião autorizada de muitos dos seus mais ilustres críticos,, porque, se é um facto que Antero de Quental chamou ao *Amor de Perdição o Werter peninsular*, também é um facto que, pela mesma época, aí por 1862, João Penha, não hesitando em considerá-lo *o melhor romance sentimental* de Camilo, não deixou de confessar que preferia ao *Amor de Perdição*, por exemplo, *Onde está a felicidade?*, *A filha do arcebispo* ou a *Queda de um anjo*, romances em que a inimitável veia humorística de Camilo, aliada ao seu inconfundível talento de pintor dos nossos costumes familiares e provincianos, se revela inexcelsivelmente.

Os estudos biográficos e críticos acerca dos escritores célebres, em Portugal, ainda não estão, infelizmente, vulgarizados. E é pena, porque tais estudos estimulam e apuram o gosto pela leitura e compreensão dos autores consagrados e afervoram o culto que merecem os artistas da envergadura literária de Camilo.

Ora, nas preciosas *Notas sobre o*

"Amor de Perdição,,, devidas à requintada e conscienciosa pena de Alberto Pimentel, encontram-se desenvolvidas informações acerca dos perseverantes esforços a seu pedido



Camilo Castelo Branco
(Quadro de Alberto de Sousa)

empregados, em Itália, para se alcançar um só exemplar, que fôsse, da tradução italiana do *Amor de Perdição*, que se sabia ter saído a lume, em Milão, com o título de *Amor Sfrenato*.

No capítulo VIII do seu curiosíssimo volume, em que se ocupa das numerosas traduções do *Amor de Perdição*, Alberto Pimentel lamenta não ter sido até então descoberto o paradeiro de um só exemplar da tra-

dução italiana do admirável romance do glorioso Mestre; mas, com a fé de um devotado e incançável camilianista, não desanima e, assim, ao fechar o citado capítulo VIII das suas curiosíssimas *Notas*, escreve cheio de esperança:

— Apelemos ainda para um feliz acaso, que, aliás, não parece muito provável.

Estimulados por estas confiantes palavras, tanto eu quanto o meu saudoso amigo dr. Eusebio Leão, ao tempo ministro de Portugal em Roma, redobrámos de esforços para satisfazer o justificadíssimo e patriótico anseio de Alberto Pimentel e, por certo, o de todos os restantes camilianistas portugueses.

Não ignorando já que a tarefa que Alberto Pimentel nos convidava a assumir era árdua, aceitámo-la gostosamente e, iniciadas novas e mais minuciosas pesquisas, averiguou-se um dia, finalmente, o paradeiro do tão procurado *Amor Sfrenato*, tradução do

Amor de Perdição, febrilmente escrito por Camilo na Cadeia da Relação do Porto e apenas em quinze dias de dolorosa clausura!

O exemplar do *Amor Sfrenato* encontrou-se na biblioteca oficial de Milão, denominada *Braidense*, numa pequena estante, a um cantinho, modestamente arrumado entre ninharias bibliográficas e obras de somenos valor, talvez condenado pelos estudiosos a nunca ser lido ou consultado...



Alberto Pimentel

O exemplar da biblioteca *Braiddense*, por sinal bem conservado e encadernado, é talvez *único* em Itália, porque — mais se averiguou — na *liquidação* do fundo da livraria de A. *Brigola & C. editori Via Manzoni, 5* (liquidação não é bem o termo . . .), perderam-se quaisquer outros exemplares do *Amore Sfrenato* que, porventura, existissem em depósito. A livraria A *Brigola & C.*, em grande parte, foi devorada por um incêndio e o seu recheio, para ser salvo, em grande parte foi atirado à rua e dispersou-se.

A feliz descoberta do *Amore Sfrenato* representou, incontestavelmente, um acontecimento digno de registo especial para todos os camilianistas portugueses.

Alberto Pimentel, em alvoraçada e amabilíssima carta, que então me dirigiu para Roma, anunciou-me que, em futura edição das suas *Notas*, não se dispensaria de completar e rectificar o capítulo VIII das mesmas, enriquecendo-as com os elementos que o aparecimento inesperado, em Milão, do *Amore Sfrenato* por certo lhe ia sugerir.

Assim, observaria que o *Amore Sfrenato*, com o sub-título *Storia di una Famiglia*, é o 9.º volume da série VIII de uma *Publicazione mensile*, sob o título *Scelta di buoni romanzi stranieri*, dirigida por Salvatore Farina, falecido ha bastantes anos;

que a traducção italiana do *Amor de Perdição* não ocupa 199 páginas, como um amigo lhe comunicára, mas sim 189, pois as restantes 10 incorporadas no volume constituem as primeiras do romance que se havia de seguir na referida colecção; que o editor procurou ocultar, manhosamente, que o *Amore Sfrenato* era de Camilo Castelo Branco, pela troca que fez do nome glorioso Camilo pela simples inicial C!

E Alberto Pimentel não deixaria passar sem reparo que o editor do *Amore Sfrenato* se não esqueceu de mencionar que a *propriedade literária* da traducção era . . . sua, o que contesto, além de todas as prevenções a estabelecer em contrário, porque as minuciosas pesquisas, a que pessoalmente me entreguei, *provaram-me* que nunca se realizou o indispensável registo de tal propriedade literária. E é pena. Se tal acontecera, achar-se-iam arquivados na repartição competente outros dois exemplares da famosa traducção do *Amor de Perdição*.

No decorrer das minhas aturadas e, por vezes, laboriosas investigações, averigui, por último, que Daniel Rúbbi, o autor da *versione dal portuguese*, não foi quem lembrou a Salvatore Farina, para a sua *Scelta di buoni romanzi stranieri*, a obra-prima de Camilo.

Garantiu-me pessoa da família Rubbi que se não trocou qualquer correspondência acerca da traducção entre êle e Camilo e, muito provavelmente também, entre êste e Farina.

No arquivo epistolar de Daniel Rúbbi não se encontrou vestígio de tal correspondência.

O dr. Eusébio Leão, querendo contribuir para Alberto Pimentel analisar e discorrer circunstanciadamente sobre a traducção italiana do *Amore Sfrenato*, conseguiu que o *sobrevivente* exemplar transitasse de Milão para Roma e lhe fôsse emprestado durante algumas semanas, aproveitando-as eu para mandar tirar á máquina uma cópia integral da tra-

ducção, que gostosamente ofereci a Alberto Pimentel, acompanhada da fotografia do frontispício do *Amore Sfrenato*.

Esta cópia á máquina do *Amore Sfrenato*, soube-o por mero acaso, pertence agora ao ilustre notário e notável camilianista sr. António Tavares de Carvalho.

*

Como tomei, em face do exposto, parte activa nas pacientes pesquisas que em Itália se realizaram para a descoberta de um exemplar da traducção italiana do *Amor de Perdição*, a pedido do meu saudoso amigo dr. Eusébio Leão, então nosso ministro junto do Quirinal, afigura-se-me não carecer de oportunidade tratar de novo do assunto na *Ilustração*. Contribuo para tais pesquisas se tornarem mais conhecidas e, porventura, ficarem mais completas as informações já prestadas pelo insigne



Eusébio Leão

escritor Alberto Pimentel nas suas interessantíssimas *Notas sobre o "Amor de Perdição"*, volume esgotado e de difícil consulta para numerosos camilianistas nacionais e estrangeiros.

Sobre o valôr da traducção, que não se me afigura das peores, discorremos um dia se a ocasião se proporcionar.

Emygdio Garcia.

Dr. Carlos de Melo



INESPERADAMENTE faleceu ha dias em Viadago o sr. dr. Carlos de Melo, ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e médico dos mais notáveis. Dirigia a clínica oto-rino-laringologia daquela faculdade, onde exercera durante uns meses o cargo de secretário, e foi director do Hospital Escolar de Santa Marta. Como médico, era sempre ouvida a sua opinião e como professor a sua alta competência sempre foi acatada como merecia. A ciência médica perdeu um dos seus maiores valores. Morreu novo. Pouco mais de quarenta anos contava. A sua cultura era vastíssima. Revelou-se muito cedo um hábil cirurgião. Conquistou rapidamente um grande nome no campo da medicina. Carlos de Melo entrou para o seu lugar de professor da Faculdade em 1916 por meio de concurso. Foi notável essa lição. Mais tarde, em 1928, mas sem concurso, por o Conselho Escolar assim o entender, reconhecendo os seus altos méritos, entrou como catedrático. Publicou muitos trabalhos médicos em revistas portuguesas e estrangeiras e em livro. Formou-se aos 21 anos e seguiu logo para o estrangeiro onde se especializou em doenças de nariz, ouvidos e garganta. A sua morte foi muito sentida e causou a mais profunda mágoa nos seus amigos e admiradores.

Luiz de Sá Cardoso



«O raio negro» é o título dum romance cosmopolita que Luiz de Sá Cardoso acaba de publicar. Escritor vigoroso, de estilo espontâneo, o seu trabalho merece uma leitura. Duma linguagem clara «O raio negro» é uma novela moderna cheia de interesse. Vem confirmar esta sua nova obra a bela impressão causada pelo último trabalho: «A mulher que parecia de gelo».

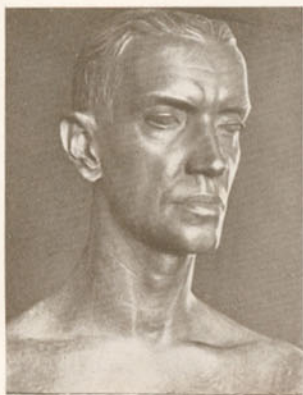
Literatura brasileira

TEMOS recebido ultimamente grande número de livros brasileiros, tanto em verso como em prosa, a que a seu tempo faremos referência. No entanto, queremos hoje destacar nesta noticia, a obra de Sertório de Castro, intitulada «Política és mulheres».

Trata-se dum trabalho valioso, cheio de observação e que contém ensinamentos proveitosos. É uma critica feita á politica de hoje, politica que toma conta da intelligencia do homem e que o arrasta, por vezes, a cometimentos inesperados.

NOTICIAS DA QUINZENA

Os novos embaixadores de Espanha e do Brasil



VINDO de Londres, onde está como Embaixador de Espanha, vem brevemente para Lisboa desempenhar identico cargo, o notável homem de letras, uma das maiores figuras da literatura do país visinho, Ramon Perez de Ayala. É, além de poeta distinto, um dos primeiros novelistas espanhóis. O seu nome é popular em toda a Espanha. É conhecido pelos seus companheiros por D. Ramon II. O título de D. Ramon I, pertence a Valle-Inclan. Desde a proclamação da Republica que se encontra em Inglaterra.



PARA substituir o sr. dr. José Bonifácio de Andrada e Silva, o Governo Provisório brasileiro escolheu para o cargo de embaixador de Portugal o sr. dr. Guerra Duval, que estava em igual posto em Berlim. O seu passado diplomático é brilhante. Representou já o Brasil em vários países e já esteve em Lisboa como secretário da legação. O seu nome é garantia duma acção sempre orientada no sentido de aumentar — ainda mais, se é possível — a grande amizade luso-brasileira.

O II Salão do Estoril



No «hall» do Casino do Estoril inaugurou-se ha dias — com a presença do sr. Presidente da República — o II Salão. A exposição tem quadros a óleo, aguarela, desenhos e trabalhos de escultura e gravura. Alguns nomes de expositores: Carlos Reis, Roque Gamello, João Reis, Alfredo Morais, Saúde, Lúccena, Jorge Barradas, Ernesto de Canto, Diogo de Macedo, etc. Organizou o certamen o conhecido artista Augusto Pina.

O regresso a Roma do general Balbo



ESPERAVA em Ostia — porto situado a poucos quilómetros de Roma — a esquadriha aérea italiana, o presidente Mussolini. Mais de cem mil pessoas acorreram ao cais e aplaudiram freneticamente os tripulantes dos 23 hidro-aviões, que sob o comando do general Balbo, por duas vezes atravessaram o Atlântico. O general Balbo foi promovido ao posto de Marechal.

Dr. Hernani Cidade



O ilustre catedrático sr. dr. Hernani Cidade acaba de publicar o primeiro volume das lições que ultimamente tem proferido nas Faculdades de Letras de Lisboa e de Santiago de Compostela. São estudos notáveis e que revelam uma vasta cultura. O sr. dr. Hernani Cidade deu-lhes o titulo de «Lições sobre a cultura e literatura portuguesa». É uma obra para eruditos e que vem enriquecer sobremaneira a história da nossa literatura.

Ladislau Batalha



A existência de Gomes Leal — o grande poeta revolucionário — teve um fim triste, como aliás a vida de todos os que se dedicam às letras. O professor Ladislau Batalha, que o amparou na velhice, assistiu aos seus últimos momentos. Do que foram esses anos de saudade do notável poeta, escreveu aquele distinto publicista um volume a que deu o titulo de «Gomes Leal na intimidade».

Horacio Bento Gouveia



COM o titulo «Páginas de jornalismo» publicou o sr. dr. Horacio Bento de Gouveia um curioso livro, do qual Hernani Cidade, o ilustre professor da Faculdade de Letras escreveu: «... não tardará que este livro sobretudo interesse porque põe em evidência a capacidade de superação de um espirito quando capaz de tensão, num único sentido, das suas energias mais nobres».



A «equipe» do Sport Club de Portugal



IV VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

EM CIMA: *Através do Alentejo, a poeira foi o grande tormento dos corredores*

AO LADO: *Trindade, corre ao lado da máquina, ao atravessar a extensa charneca entre Santo Estevão e Canha, para conseguir a «camisola amarela»*

EM BAIXO: *Os corredores em pelotão, com Cesar Luis à cabeça, atravessam a ponte sobre o Tejo, em direção a Almeirim, na segunda «etapa» da «Volta»*



A «equipe» do Sport Lisboa e Benfica

IV VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

EM CIMA: *Entre Faro e Beja, os corredores tiveram de subir a serra do Caldeirão*

AO LADO: *À saída de Sines, Trindade veste a «camisola amarela», ajudado pelo médico da «Volta» o nosso ilustre colaborador sr. dr. Salazar Carreira*

EM BAIXO: *Os ciclistas João Francisco, Trindade, Ezequiel Lino, e Cesar Luis, à saída de Odemira, param, de combinação, para matar a sede — comendo uvas*



A «equipe» do Club Rio Campo de Ourique
(Fotos de Denis Salgado, do «Diário de Lisboa»)





«Maillots» de Frances Dee

DURANTE muitos anos John Gilbert e Greta Garbo formaram um dos pares mais célebres do cinema. Quem haverá que não recorde alguns dos magníficos filmes da extensa série que os dois artistas criaram? O público interessou-se pela aproximação desses dois caracteres em tudo tão opostos — ele, romântico e ardente; ela, fria e enigmática. Consagraram-se. E bem se pode dizer que nunca um par amoroso conheceu no ecran tam grandes e repetidos êxitos.

Vai para quatro anos que os dois artistas não são reünidos num mesmo filme. Por diversas vezes, a ideia tem sido falada sem se ter chegado a um facto.

O que motivou o seu afastamento? Existem, é claro, diversas razões mais ou menos bem fundamentadas. Mas a verdadeira é só uma — John Gilbert apaixonou-se, loucamente, por essa mulher estranha e tentadora que tanta vez a beijou sob a luz forte dos projectores, em face às câmaras de filmagem. Ela, indiferente a essa paixão, tóda recolhida dentro do seu sonho de artista, não soube ou não quis corresponder a essa afeição. Assim se criou a situação difícil que só uma separação definitiva podia resolver.

Essa separação teve consequências trágicas na vida do grande actor que é John Gilbert. Torturado pela saudade sem remédio dum amor impossível, perdeu o melhor das suas

qualidades de lutador. Foi vencido na dura competição artística a que tinha forçosamente de se sujeitar, o seu nome esqueceu, pouco a pouco.

Uma notícia sensacional foi agora tornada pública. Dela se pode deprender que não está ainda tudo dito sobre esse notável artista e que é bem possível que a sua estrêla volte a brilhar com maior fulgôr do que nunca.

John Gilbert será o protagonista do filme que Greta Garbo realiza actualmente em Hollywood e que tem por título «A rainha Cristina». Para este difícil papel quasi todos os actores têm sido submetidos a provas durante os últimos meses. John Gilbert teve a honra de ser escolhido — homenagem que lhe é devida, não tanto pelo seu passado, mas sobretudo pelas suas inzulgares qualidades.

No momento de receber tam tentadora promessa que representa para ele suprema hipótese de êxito. John Gilbert tinha acabado de estabelecer acôrdo com a «Fox» para dirigir a realização duma película.

Vem a propósito recordar que já em tempo algum se lembrara de perguntar ao conhecido actor se ele estaria disposto a reaparecer no ecran ao lado de Greta. John impulsivo, cheio de amor proprio e orgulho ferido, respondeu que não. Estava convencido que Greta, por seu lado, faria o mesmo. Enganou-se. A bela «estrêla» sueca quando lhe repetiram a pergunta, sorriu, e cheia de naturalidade e indiferença — essa indiferença que é a maior tortura de John Gilbert — respondeu:

— É possível, sim! Porque não? Chegou agora a oportunidade. John Gilbert pode com ela reconquistar os cimos da celebridade onde já viveu um dia. Mas renovar também a sua tortura — a espantosa tortura de ter nos seus braços e beijar uma mulher que quasi não dá por ele.

Actores e realizadores de Hollywood acabam de tomar uma simpática resolução destinada a auxiliar antigos camaradas de trabalho que já foram célebres e lutam hoje com graves dificuldades. Consiste a iniciativa na organiza-



Ruth Charming e Mary Caville apreciam numa praia californiana as

partagens dum saco de celofane que preserva das queimaduras solares

CINEMA

O regresso de John Gilbert

ção duma lista onde figuram os nomes de todos os artistas hoje esquecidos, mas que ainda se vêem forçados a procurar no cinema os seus meios de subsistência. Por meio dessa lista poderão os realizadores atribuir-lhes pequenos papéis dando-lhes preferência sobre os estreates e poupando-lhes a dolorosa humilhação de solicitarem trabalho como figurantes.

Esta lista de «Estrelas caídas» contém já cerca de 225 nomes entre os quais figuram muitos que o público ainda hoje recorda, como os de Baby Peggy, Mary Carr, Clara Kimball Young, Snub Pollard, etc.

Várias vezes se tem falado no regresso aos estúdios da grande actriz Lilian Gish que foi noutros tempos uma das maiores trágicas do cinema e ultimamente tem dedicado a sua actividade apenas ao teatro.

Sabe-se agora que Lilian vai, por fim reaparecer. Por contrato com a «Paramount» exhibir-se-á no filme «Buried Alive» (Enterrado vivo) ao lado do notável actor Roland Young.

Por diversas vezes nos referimos aqui a um filme da «Rádio» que se intitula «King Kong» e tem conquistado um extraordinário êxito, em grande parte devido ao assunto original que explora.

Como o leitor possivelmente se recorda, Kong é um monstro ante-diluviano que uma missão científica descobre em remotas paragens do globo e que consegue aprisionar e conduzir a Londres. Chegado à grande cidade, porém, o monstro consegue libertar-se e sustenta uma luta gigantesca com o homem, provocando as maiores devastações.

O filme é constituído numa grande parte por hâbeis trués fotográficos que conseguem dar a ilusão dum monstro enorme dominando

Londres, empoleirado sobre a torre de S. Paulo a repellar com feroz desespero os ataques dos aviões.

A receita parece que deu bom resultado e animou, portanto, os produtores. Assim, já está em realização um novo filme que será uma sequência deste e tem por título «O filho do Kong». Nada se sabe, porém, sobre a nova produção que deve conter grandes surpresas técnicas, porque a entrada nos estúdios onde ele se acha em produção foi vedada a toda a gente e os que colaboram na obra guardam sobre o caso a maior reserva.

Primo Carnera, o famoso campeão mundial de pesos pesados vai estrear-se no cinema. Como não podia deixar de ser, o cinema atraiu como uma tentação a maior celebridade do mundo desportivo.

Assim, Carnera interpretará para a «Metro» um papel importante no filme «O campeão e a Senhora», a que já em tempos nos referimos e está agora sendo realizado nos estúdios de Culver City com desempenho de Lupe Velez e Walter Huston.

Outra celebridade do *boxing* toma parte nesta produção. É Max Baer, campeão americano que há poucas semanas ainda se celebrizou, derrotando o *bossur* alemão Max Schmeling, hoje esposo da endiabrada «estrêla» Anny Ondra.

O programa de produção da «Metro» para a presente época é, sem dúvida, dos mais ambiciosos que têm sido apresentados.

Consta êle de 46 grandes produções, algumas das quais serão de grande envergadura.

Assim, teremos «Dois ladrões» que se anuncia como o espectáculo mais grandioso depois de «Ben-Hur». Trata-se dum romance cuja acção decorre na época de Poncius Pilato. Será interpretado por Clark Gable e Robert Mont-



Johnny Weissmuller, o famoso Tarzan, que foi campeão olímpico de natação,

exibe aqui um aspecto do impecável crawl com que tem conquistado as suas vitórias

gomery. «Tarzan» voltará ao ecran. Weissmuller e Maureen O'Sullivan interpretarão nova aventura da selva com suas ingenuidades e ridículos.

Sobre a Russia prepara-se um grande filme que se designará apenas por «Soviets». Prevêm-se como interpretes Wallace Beery, Jean Harlow e Clark Gable.

Os filmes de aviação estão representados por «Vôto nocturno» em que Clarence Brown, dirigirá um brilhante grupo de «estrelas» de que fazem parte Myrna Loy, Clark Gable, os irmãos John e Lionel Barrymore e Roberto Montgomery.

Como se vê, apesar da crise e das suas graves repercussões na industria do cinema, os produtores não se mostram desanimados.

O proximo filme de Cecil B. de Mille será «Cleopatra», obra luxuosa de grande espectáculo e animada pelo movimento de grandes massas de figurantes.

A acção descreve a historia dos amores de Cleopatra e Marco Antonio e a interpretação destes dois papeis foi confiada a Claudette Colbert e Frederic March, respectivamente.

Não está ainda designado o actor que há-de incarnar a figura de Julio Cesar.

Jesse Lasky, que é agora produtor independente, prepara um filme com Lilian Harvey a que não se pôde, desde já, contestar a originalidade.

O filme, que se chamará «Marionettes», servirá para estreia no cinema dos minúsculos factoches do célebre «Teatro da Piccoli», cujo trabalho de notável valor artistico será pela primeira vez utilizado no decorrer dum filme.

Em 1633 um grupo de colonos ingleses atravessou o Atlantico para se ir fixar na América do Norte. Chefiava-os um corajoso pioneiro da civilização nessas regiões quasi desconhecidas, chamado Jonathan Fairbanks. Os destemidos colonos fizeram-se acompanhar de troncos de árvores do seu país natal com os quais construíram, no sitio onde hoje se ergue a aldeia de Dedham, no Estado de Massachusetts, uma casa que ainda hoje existe.

Será Douglas Fairbanks um descendente do corajoso Jonathan?



Jean Parker, uma graciosa estreate

É difícil, se não impossível averigua-lo. Os colonos nesse tempo pouco interesse ligavam ao registo civil dos seus actos e, por consequência, o estabelecimento duma linha genealógica não se pôde fazer.

Isso não impedirá, porém, que o simpático Douglas tome lugar de relevo nas comemorações que vão realizar-se em breve, por ocasião do terceiro centenário da chegada dos seus possíveis antepassados ao continente americano.

Uma das mais curiosas cenas que Cecil B. de Mille projecta para o seu próximo filme, que se chama «This day and age», consiste num funeral filmado sob o ponto de vista do cadáver.

A câmara é colocada, depois das habituais cerimónias, no fundo duma cova, e a cena termina com as primeiras pás de terra que caem sobre a lente.

Clive Brook, que se encontra há algum tempo em Inglaterra, vai regressar a Hollywood para tomar parte na realização dum filme que tem o singular titulo de «O homem que foi África».

Trata-se da vida do grande Cecil Rhodes e Clive Brook deverá incarnar esse histórico personagem.

A iniciativa da realização deste filme conta já com o valioso apoio do Governo da União Sul África e em especial do célebre general Smuts.



— Onde vais com êsse saco ás costas?
 — Isto não é saco, é um pára-quedas!
 — Vais voar?
 — Não, vou pedir a mão da filha do faroleiro.

A mãe disse ao filho, um pequeno de 5 anos:
 — Nas tuas orações pede a Nosso Senhor que dê saúde á tua avósinha.
 E o filho á noite rezou:
 — Nosso Senhor, dá saúde á avósinha...
 Olha, ela mora na Rua da Estefania número 179, 2.º andar.

Na plataforma dum eléctrico, dois homens muito embriagados, insultam-se:
 — O senhor é um parvo.
 — E o senhor é um idiota.
 — Um insolente.
 — Um malcriado.
 — Quem é o senhor?
 — Sou Júlio Gonzaga.
 — Júlio Gonzaga sou eu. E onde mora?
 — Na Rua da Prata 85.
 — Na Rua da Prata 85 móro eu. E em que andar?
 — No terceiro andar.
 — Essa é a minha casa.
 — É a minha...
 E saem do carro a discutir.
 — Tem graça, diz o conductor, moram na mesma casa e não se conhecem...
 Então um passageiro que os conhecia explicou:
 — É pai e filho, mas quando estão bebados não se reconhecem.

Um judeu ouviu falar no sistema Voronoff para rejuvenescer as pessoas. Como já tem 80 anos resolve sujeitar-se à operação do grande sábio, embora tenha de fazer uma grande e dispendiosa viagem.

A' despedida, na estação, um amigo

vendo que êle tira bilhete de ida lembra-lhe que comprando ida e volta lhe sairá muito mais barato.

— Nada, diz o judeu, talvez eu rejuvenesça tanto, que quando voltar, só pague meio bilhete.

Quando a mulher do Salomão estava a comprar um par de piugas para o marido, appareceu na loja o criado a dizer-lhe:

— D. Raquel, o senhor Salomão diz para comprar só uma meia porque ficou debaixo dum automóvel e vão-lhe cortar uma perna.

Entre amigos:

— Então, tu hoje saíste só?
 — Saí, a minha mulher estava de mau humor.
 — Porquê?
 — Por eu saír só.

Entre amigas:

— Mas a Júlia não fala mal de ninguém.
 — Pudera. Ela só fala dela.

No restaurante:

O criado: — Então o senhor diz que é vegetariano e quer um bife à inglesa?

O freguês: — É que, neste caso, o bife é o fruto proibido.

Representava-se num teatro da província o drama histórico *D. Inês de Castro*.

No primeiro acto D. Afonso mandava o Pacheco, o Gonçalves e o Coelho à caça da desditosa rainha. Ora no segundo acto o actor que fazia o Coelho, como o rei lhe ordenaria que fôsse à caça, appareceu de cartucheira à cinta e de espingarda ao hombro.

Então uma senhora, que estava num

camarote, não se poude conter e disse de fórma a ser ouvida por tôda a sala:

— Ai!... Que lindo que vai o Coelho à caçadora.

A bordo, um passageiro conversa com o capitão do navio:

— Eu bem sei que a bússola serve para nos indicar a direcção do norte, mas o que não sei é qual é o aparelho que indica a direcção do sul.

Um advogado entra no céu, mas no dia seguinte S. Pedro verifica que êle não tem direito a lá estar e convida-o a saír:

— Isso nunca, declara o advogado, só daqui sairei se vier um official de deligências com um mandado de despejo.

— Está bem, eu vou buscar o official de deligências, disse S. Pedro.

Mas por mais voltas que desse não encontrou nenhum no céu.

O Lopes entra furioso na drogaria, com um frasco na mão.

— Venho devolver-lhe esta porcaria, diz êle ao caixeiro. A água de Colónia não cheira a nada, naturalmente porque lhe deitaram muita água e pouca Colónia.

Numa peça de viagens, um caçador de fêras era surpreendido por um leão e tinha de o matar com um tiro. Ora o leão, era um comparsa vestido com a pele do rei das selvas e quando lhe perguntaram se sabia morrer disse que sabia muito bem, pois vira morrer o cura da freguesia.

Na noite da representação da peça ia acabando o mundo. Quando o caçador disparou para matar a fêra, viu-se o leão levantar uma pata, benzer-se e cair morto exclamando:

— Senhor!... Seja feita a tua vontade.

O pescador — Lino Ferreira.

MANOEL, uma chama de volúpia nos olhos ardentes, cáí ansiado sobre o corpo débil de Júlia, beijando-a, dir-se-ia sorvendo-a, até á sufocação, e some-se com ela, toda a vibrar, no escuro de um quarto pobre.

É Santo António. Na Alfama. Da rua, em festa, que os balões alumiam e enfeitam, vem um ar morno, perturbante, onde ha cantigas de mágoas e de amores e o som estridulo de uma velha música sugere corpos flexíveis, bailando e contorcendo-se, apertados como num abraço.

A noite sabe a beijos de gente moça. O homem chegou. A mulher não dormira no catre miserável e logo lhe pareceu que ela ficára toda a noite com o marujo, que tem vinte e três anos, é moreno e airoso e, com a graça do alcaxe, a havia enfeitado.

Na casa humilde, onde o casal vive, num quarto, alugado pela velha mãe de Manoel, toda gente deu fé.

Ouviu-se a cama ranger . . .

Que importa ao homem? Júlia é o animal de carga, que serve ás vezes também para o goso. Mais nada.

Nem o amor, que nenhum por ela sente; nem a honra, cuja significação ignora, arrancam áquela alma de lama um estremecimento. Ela pode ir, que a rua é livre. Ou pode ficar, que não se lhe dá.

Ha duas almas na casa sombria. É a Tiana, a velha mãe de Manoel, a mulher simples e obscura, que sinceramente se indigna com o filho e com Júlia, porque a ofenderam, na ingénua concepção que tem da moral.

É Júlia que ganhou para o homem, que experimentou toda a fereza do homem — que sofreu! que sofreu! que sofreu! — e que, não tendo mais lágrimas para chorar, levantou um dia os olhos extáticos para Manoel e, pela primeira vez, ha tanto tempo, sorriu.

São duas almas boas, que não se compreendem, porque a Tiana nunca sofreu assim.

Manoel! Ao pé do homem que todas as noites malha nela com o cinto de coiro, tão duro, cambaleando e uivando, Manoel resplandecia, no seu sonho, num fulgôr estranho, como se uma aureola o circundasse.

Não era só um moço correcto e afável, que parecia partilhar da sua dôr, inquieto e indignado com as brutalidades do outro, mas também o homem cujo olhar anelante punha na carne mortificada da pobrinha arrepios, frémitos, ardentes palpitações.

O outro voltava da taberna descomposto, fétido, imundo como um farrapo. Tinha o olhar mortuário, a barba crescida e suja; espumava. O alcool fizera dêle um velho precoce, repelente e sórdido. O marujo era a mocidade em flôr, a vida, com o seu riso claro, seu ar, ao mesmo tempo varonil e grácil, os seus olhos sensuais, humidados de ternura quando a olhavam.

Ah! não tinha ela o direito de construir, com as suas mãos amorosas, a felicidade ideada?

Mas o marujo saciou-se.

E quando Júlia, na manhã seguinte, toda vibratil ainda da noite de amor, o vê, á luz do sol, encontra outro homem, encontra ainda como que o seu homem, agora incarnado na figura aliciante do marujo.

Manoel só a quere á noite e quando calhar. Não me chateies.

Põe o boné, ageita o alcaxe, e ala, que é Santo António.

A PEÇA "ALFAMA"



António Botto

Volve para êle olhos anciosos, numa névoa de lágrimas.

O homem não se lhe dá que ela fique . . . — Para quê? O rapaz ainda a deseja . . . Para quê? Para quê? Tudo se desmorona á sua volta. E vem outra vez a noite. Pela janela aberta, sob o luar de Junho, entra a voz do fado, maguada e suave, como se nela cantasse, vibrasse, e soluçasse a própria alma da velha Alfama.

São iguais, são iguais . . .

Ninguém viu, por trás dos seus olhos, tristes e doces, o coração humilde, esmolando uma migalha de amor e de ventura.

Embrulha-se num velho chaile. Vai partir, sumir-se na noite, colada á noite.

Ricardo, o pai de Manoel, um velho que é uma sombra, indiferente e amorfo, ainda acóde:

— *O rapariga, o que vais tu fazer? olha que é noite. É a noite de Santo António.*

É verdade . . . É noite . . .

E sai. E, lá fóra, é tragada pela noite.

Eis a peça do grande poeta António Botto, agora em cena no Apolo, onde está, decerto,

melhor, mais perto de Alfama, mais perto do coração do povo, do que no hirto S. Carlos, das pessoas finas, dos homens graves, que não diziam á Júlia o *não me chateies* do Manoel, apenas porque falam uma linguagem polida, calculada e hipócrita.

E de tê-la visto e aplaudido, fiquei com a impressão de que esta formosíssima peça — para mim o que ha de melhor no teatro português dos últimos tempos — nem sempre foi compreendida pela critica.

Discutiu-se muito a verdade dos seus personagens, a lógica do conflito. Pois poder-se-ha negar a verdade daquele marujo, a verdade daquela Júlia, irmã, na dôr, de tantas Júlias? Dir-me-hão que Manoel podia levar a Júlia para um quarto alugado e ser pai de meninos muito bonitos, mas isso era apenas um acontecimento de familia . . . Não dava uma peça.

E o marido de Júlia?

Já vi, a propósito da peça de António Botto, fazer o elogio dos operários adeptos de ideias extremistas e estou de acôrdo com êsse elogio, sobretudo no tocante aos que conheço, merecedores de toda a consideração e de toda a estima.

Mas sei de alguns como o marido de Júlia.

É um tipo admiravelmente observado, que eu próprio tenho encontrado várias vezes, no meu caminho, nos tribunais, nas lutas políticas, nas redações dos jornais, quando por lá andei, nos comícios, quando os havia, na vida, afinal. Há *apóstolos* assim, há *demolidores* assim . . .

O marido de Júlia é simplesmente um alcoólico, um homem que vive á custa do trabalho da mulher e a brutaliza. Não honra evidentemente o Sindicato mas acredito que lá esteja.

Os seus companheiros honestos suporão, decerto, que a embriaguês é apenas uma forma de êle esquecer máguas, que caiu em *chômage* porque não encontra trabalho e ignoram e não lhes interessa a tortura de uma mulher, na rua lúgubre de Alfama, no fundo de um quarto imundo a chorar. Manoel, antes de possuir Júlia, diz ao *apóstolo* grandes verdades, e é também verdadeiro, simbolisa bem uma parte da mocidade de hoje, quando lhe volve:

— *A política não me interessa; uma boa mulher e uma boa pinga . . .*

E podia acrescentar: e a bola . . . Profundamente humana, profundamente verdadeira, perfeita de observação, esta linda peça de António Botto, cujos versos maravilhosos atingem, na garganta do oíro de Maria Albertina estranhas modelações e á qual dão uma interpretação admirável Leonor de Eça, na Júlia, Sofia Santos, na Tiana, e Abílio Alves, no Manoel.

São do Apolo. Já deu meia noite. Desço a rua da Palma.

Parece-me que vi o Manoel virando para o Socorro, a gingar, todo quebrado.

Amanhã, talvez, no Torel, vou encontrar o marido de Júlia, que a policia prendeu por ultraje á moral pública, e fez um comício, no calabouço, contra a Sociedade . . . A Júlia foi na rusga, para a esquadra, porque não tinha livro. Está agora com um marujo que lhe bate.

É Alfama. É a vida!

«La verbena de la prensa»



EM Madrid efectuou-se recentemente *La verbena de la prensa*. Foi um acontecimento mundano. O festival, que foi promovido pela Associação da Imprensa, decorreu no meio de grande animação. Durante a noite, foi eleita «Miss Prensa 1933» a sr.^a D. Elena Gaspar, a quem foram oferecidas valiosos e artísticos presentes.

Na Checoeslovaquia



ESTÁ em construção no rio Thaya, na Checoeslovaquia, um dique gigantesco. Será um dos maiores do mundo. Tem 300 metros de largura por 52 de alto e tapa um vale de 30 quilómetros de comprimento. Comportará 30 milhões de metros cúbicos de água, que servirão para irrigação e produção de electricidade. O seu custo está calculado em 130 milhões de corôas checas.

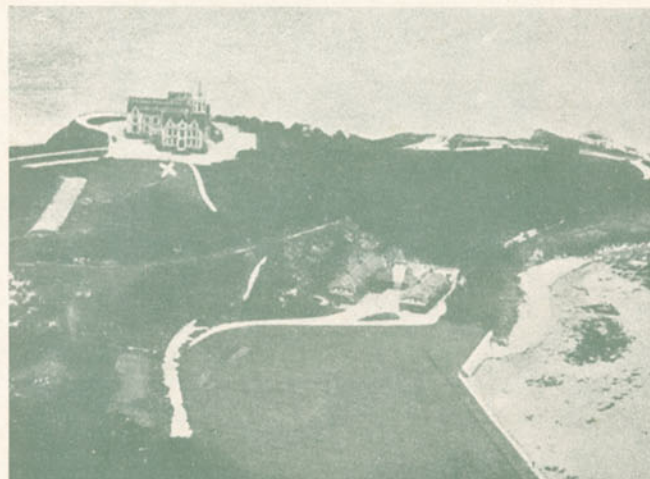
PELO MUNDO FÓRA

Instrução ferro-viária na Alemanha



NAS grandes estações ferro-viárias do Reich, funcionam escolas para ensino dos serviços de caminhos de ferro. Um empregado superior explica às crianças como se fazem sinais e agulhas e exemplifica com pequenas carruagens. Ao mesmo tempo que serve de entretenimento, ficam os alunos sabendo como se manobra um comboio... de verdade.

Uma Universidade Internacional



NO antigo palácio real de Santander, situado no alto da península da Madalena, à entrada daquele porto, foi instalada uma Universidade Internacional. A vista que se disfruta do novo estabelecimento de ensino é maravilhosa. O acesso até lá só se pode fazer de automóvel. O mais curto caminho tem três quilómetros. Era ali que Afonso XIII passava o verão.

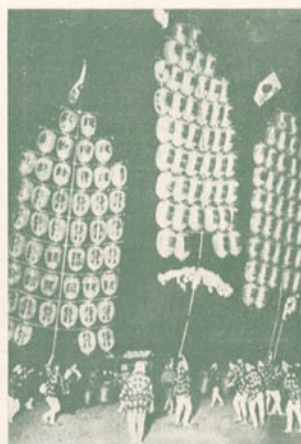
Os nossos «vintens» em Espanha



TODOS os anos o Banco Espanhol faz uma recolha de moedas estrangeiras que circulam por toda a Espanha. Este ano essa recolha resultou enorme. No Banco, fez-se uma curiosa estatística. Deu, por pessoa, e durante o período dum ano, o valor de 460 pesetas, de moedas estrangeiras recebidas. Entre estas, figuram os nossos antigos «vintens». Na gravura

vêem-se moedas francesas, belgas, de Tunis, italianas, gregas, portuguesas, argentinas e inglesas. A percentagem, por pessoa, de vintens recebidos durante o ano, dá 977 moedas aproximadamente. Acima das nossas, só as francesas : 1.006, e as italianas : 980. Todas estas moedas são depois refundidas e aproveitado o metal para novas moedas espanholas.

Tradição japonesa



SEGUINDO uma tradição japonesa realizou-se em Toquio uma festa que consiste na condução dum junco com 6 metros de comprimento tendo suspensos 46 balões de várias cores. O peso total do junco fica sendo de 37 quilos. Os jovens têm de percorrer cinco quilómetros sem deixar cair os balões.

Em Espanha



A imagem de Nossa Senhora dos Desamparados, padroeira de Valença, foi destruída por um grupo de selvagens. A cidade em péso protestou contra o atentado.

A graça alheia



— SERÁ NECESSÁRIO DAR-TE DUAS BOFETADAS PARA SORRIRIS? VÊ-LÁ!

Sem cabeça...



ENTRE as atrações novas que apresenta este ano a Feira de Montmartre, em Paris, figura a «Mulher sem cabeça»... Diz o pregoeiro: — «É entrar, meus senhores, vinde ver a mulher sem cabeça, viva, em carne e osso. Fenômeno único. Foi descoberta pelo capitão Bodern, o célebre navegador, numa das suas viagens. É entrar, é entrar!» Realmente o *truc* — dizem os jornais — é de grande efeito e não é fácil dar com ele à primeira vista...

Para os pobres...



MESMO em frente das vetustas torres do Parlamento londrino existe um jardim, um lindo jardim. Este ano — devido ao calor — as autoridades transformaram-no numa praia destinada unicamente às crianças pobres. Em Londres, onde a pobreza é muita, a garotada rejubilou. Também tem a sua praia e vê-se assim livre do ardente asfalto das ruas da capital inglesa. Há, também, que pensar nos desprotegidos da sorte. Em Lisboa, onde o Tejo convida a população a tomar banho, áparte duas ou três iniciativas — como, por exemplo, a do jornal «O Século» que tem a sua Colônia Balnear na Parede — pouco interesse se tem tomado pela criança pobre...

PELO MUNDO FÓRA

Uma família exemplar



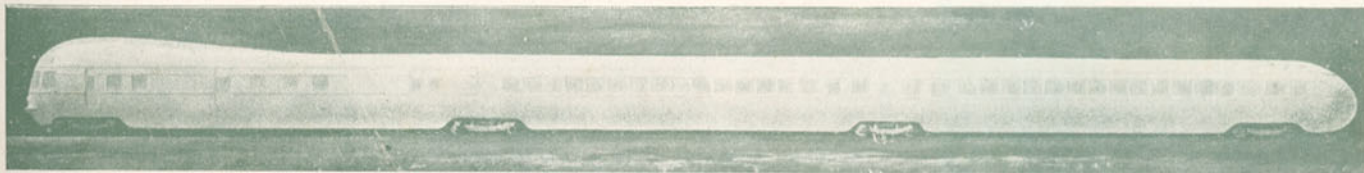
O desenhador e fotógrafo espanhol José Matran, residente em Aguilas, cêrca de Cartagena, tem 13 filhos. Ele tem 41 anos e ela — Encarnacion Garcia — apenas 37. Os filhos são 1) Paquita, 21 anos; 2) Mariquita, 19; 3) José, 18; 4) Lola, 17; 5) Escarnita, 16; 6) Sebastian, 13; 7) Carmen, 11; 8) Izabel, 9; 9) Mercedes, 7; 10) Roberto, 6; 11) Pilar, 4; 12) Célia, 2; e 13) Benjamin, 3 meses. Ajudam já os pais, estabelecidos com uma fotografia, seis deles, e os outros estudam. Pode classificar-se de família exemplar.

Uma vinha em pleno Paris



ENTRE a rua Saint Vincent e a rua des Saules, em Montmartre, o município parisiense lêz plantar uma vinha de 2.000 cêpas, que vieram de Thonery, região perto de Fontainebleau. É mais uma atração que os turistas terão em Paris daqui a alguns anos...

Um novo tipo de comboio



É IS o novo tipo de comboio de grande velocidade que está sendo estudado na América do Norte. Trata-se dum comboio de passageiros ligeiro, capaz de viajar a 110 milhas por hora. Terá um motor de combustão ligado a um gerador elétrico. Deve ser experimentado ainda este ano,

em Amaha, no Estado de Nebraska. Servirá para ligar algumas cidades do Pacífico. Para se obter um peso mínimo será construído numa liga de alumínio que tem a resistência do aço vulgar. Três vagões não devem pesar mais de 80 toneladas, peso corrente dum vagão «Pullman».

Em Moscou



MAIS de 100.000 jovens russos tomaram parte numa festa desportiva que se efectuou em Moscou, em frente do Palácio Kremlin, na Praça Vermelha. Houve demonstrações de ginástica e canto coral. Mais de cinco mil atletas fizeram verdadeira acrobacia.

O «casal voador»...



O casal Mollison — Jim e Amy — é conhecido hoje, em todo o mundo pelo «casal voador». Atravessou há pouco o Atlântico mas caiu numa «aterrissagem» forçada em Connecticut. Este ficou ferido, ela, não, estava apenas extenuada. A partida, foi ele que pôs em andamento os motores... como se vê na gravura.

A graça alheia



— NÃO, SÃO VOCÊ. NÃO O CONHEÇO...
— NÃO O CONHEÇO? NÃO TE LEMBRAS DELE. NAQUELE «GARDEN-PARTY» NUDISTA?
— AH!, SIM! MAS ELE AGORA ESTÁ VESTIDO...

HÁ dias, o gerente dum banco francês, de visita a Portugal, contava entre amigos, ter secretariado a direcção desse estabelecimento, uma senhora portuguesa que, pela sua vasta cultura, deixara gravado a letras de ouro, no meio bancário parisiense, o nome da mulher lusa.

Este caso, banal, já no nosso tempo em que a mulher ocupa situações de grada representação, dá-nos uma certeza mais, do valor feminino, acrescido aqui pela razão de ser uma inteligência superior a aplicar-se num sacrifício, que é um raro clarão iluminando o espírito tacanho de tanta gente...

Esta senhora, que circunstâncias, políticas de família, obrigaram a residir em Paris, afastando-a assim de tudo que durante anos lhe fôra afectuosamente caro, entrou no cosmopolitismo fantástico da «cidade luz» desejosa de pôr o seu talento ao serviço da sua própria existência. E assim, lançando um olhar de verdadeira senhora sobre a cidade gigante, ocupou aquêl lugar, confiante em si, e aguardando a bonança que o calendário do tempo iria desdobrando, num ambiente de trabalho e alegria, a misturar-se de quando em quando com o reacender de cinzas que o turbilhão da vida por vezes ocasiona.

*

O assunto, merece apenas referência, se observarmos o que foi, e é hoje, o desenvolvimento intelectual da mulher, principalmente no nosso país, em que essas qualidades de aperfeiçoamento foram, durante anos, destruídas pela diátribe de que à mulher faltam condições de inteligência, negando-se-lhe assim, aquêl direito à vida prática que ao homem tem pertencido. A guerra, porém, afastando êste de vários misteres, e ainda a evolução social que à humanidade tem oferecido vários direitos, fôram dois factores importantes no campo das regalias, não só de ordem educativa e literária, mas até política. Talvez por isso, quantos nomes ilustres de mulher poderiam tornar extenso este artigo: George Sande, madame Curie, Branca de Gonta Colaço, Emília de Sousa Costa,

Conceitos sobre feminismo

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Virgínia Victorino, etc., revelam facetas várias de talento que honram qualquer país.

A-pesar-disso, para muitos ainda se torna discutível a adaptação da mulher no campo da inteligência. Mas a vida do nosso tempo, a vida do século XX, lega-nos por vezes aspectos tão reais de sacrifício e abnegação, dados pela mulher, que ficamos com a certeza de que as suas possibilidades inte-

quisera que nas escolas elementares houvesse só professoras. O homem causa enfado às crianças e conhece pouco a natureza delas. O ensino passado pelos lábios da mulher torna-se quasi maternal».

Schiller, escreveu:

«Ao lado de todo o homem ilustre, há sempre uma mulher amada. O amor é o sol do génio».

Pelletan, afirma também:

«O futuro não terá vencido o passado, senão quando colocar a mulher a seu lado; antes disso, não merece a vitória»

* * *

E tantos a favor e muitos mais contra, ocupariam espaço de que não dispomos.

Todavia, houve sempre mulheres que, em várias manifestações das artes, das letras ou das ciências, revelaram qualidades superiores. E até mesmo no campo político, nos diz Legouvé, que em 1790 se fundaram em Paris, duas associações que se tornaram célebres: a «Sociedade Fraternal» e a «Sociedade das Republicanas Revolucionárias», fundada por Rosa Lambe.

Mas embora observados êstes factos, tem-se contudo esquecido de dar verdadeiramente à mulher, aquêl valor que um dia vem a revelar-se, visto que nunca se tomaram na devida conta, essas manifestações de sensibilidade intelectual ou artística.

Apreciada porém com justiça, ela poderá legar-nos benefícios incalculáveis em favor da arte, das letras e talvez até da própria sociedade, visto que qualquer das leis da alma humana, são tão adaptáveis no sexo masculino como no feminino.

Mas, para que as leitoras dêste elogio ao seu sexo, se não julguem já, naquêl conceito de Gabriela Reuter, termino oferecendo-lhes a opinião que também delas tinha M. de Scudery:

«O demónio, revoltado contra Job, tirou-lhe os filhos, os bens e a saúde; mas, para mais o torturar sabeis o que êle fez? Deixou-lhe a mulher...»

Moreira Ferrer.



Uma grande missão da mulher de que só ela possui o segredo

lectuais e humanistas, têm muito de útil.

Não diremos, com êste elogio, como Gabriela Reuter no seu livro *De boa família* em que nos apresenta a mulher qual origem de todo o poder, da riqueza, leis e religiões, e pretende demonstrar ainda, que tôdas as fôrmas superiores da humanidade, tiveram por base a inteligência feminina. A esquisita finalidade com que esta escritora pretende elogiar a mulher, é porém inaceitável, e até ridícula de amor-próprio, quando afirma, nêsse livro, *que não há mulher má, nem homem bom*.

Exagerado conceito, mas é mais um, a juntar à diversidade dos que existem sobre tão complexo assunto. Assim, lembraremos ainda o que vários escritores têm pensado do sexo feminino.

Paulo Mantegazza, no seu livro *Fisiologia da mulher*, diz-nos:

«A mulher não é inferior nem superior ao homem, mas apenas diferente, porque diferentes são as funções que tem a cumprir. Assim, ela nasceu para ensinar, e eu

UMA VITÓRIA DA AVIAÇÃO FRANCESA

O VÔO DE CODOS E ROSSI

de Nova York à Síria, para conquista do "record" mundial de distância

No dia 5 do mês findo, dois aviadores franceses, Maurice Rossi e Paul Codos, ergueram vôo de Nova York com destino ao Próximo Oriente para a conquista do «record» mundial de distância em linha recta — uma das mais belas e difíceis provas aeronáuticas que se têm realizado.

Devia ter feito parte desta equipe um outro aviador não menos célebre — o piloto-chefe Bossoutrot que foi forçado a desistir por ter de realizar experiências de vôo com um hidroavião destinado à carreira aérea França-América do Sul.

Codos e Rossi são dois pilotos que reúnem qualidades invulgaes e só assim poderiam tentar a realização deste vôo, que põe à prova tanto os conhecimentos da arte de navegação como as energias físicas e nervosas.

O «record» do mundo de distancia em linha recta pertenceu já a aviadores francezes — os conhecidos Costes e Bellonte — a quem foi arrebatado pelos americanos Boardmann e Pollando. Ultimamente encontrava-se em poder dos pilotos militares ingleses Gayford e Nicholets que fizeram o vôo Londres-Cidade do Cabo, cobrindo sem escalas o percurso de 8.544 quilómetros. Segundo os regulamentos da Federação Internacional de Aeronáutica, Codos e Rossi deviam ultrapassar esta distancia de 100 quilómetros, pelo menos, para que o «record» lhes fosse homologado.

O ponto de partida escolhido foi Nova York, devendo o «raid» iniciar-se por uma travessia do Oceano Atlântico em direcção às costas da Bretanha donde se orientaria no sentido mais conveniente e que já se previa ser a do Golfo Pérsico.

Para a realização da proeza foi escolhido o avião «Joseph Le Brix» que já batera o «record» do mundo de distancia em circuito fechado com 10.600 quilómetros. Este avião, do tipo monoplane, foi construído pelo glorioso Louis Bleriot, herói da primeira travessia aérea do canal da Mancha.

A decolagem deste aparelho para um vôo de semelhante envergadura era sem dúvida uma das fases mais difíceis da arriscada tentativa. O «Joseph Le Brix», devia transportar a carga máxima de 7.075 litros de gasolina e 250 quilos de óleo. Assim, o seu peso ascendia a 8.850 quilos. Em condições absolutamente favoráveis este combustível seria suficiente para manter o avião no ar durante 70 horas, fazendo-o cobrir um percurso superior a 10 000 quilómetros.

Numerosas foram as precauções adoptadas no aeródromo de Floyd Bennett por ocasião da partida dos aviadores. Carros de socorro estacionavam nas imediações do campo, prontos a intervir em caso de sinistro. De facto, se algum acidente sobreviesse durante a arriscada operação da decolagem, o enorme monoplane com os seus sete mil litros de gasolina correria risco de se tornar num imenso lençol de chamas.

A despeito de todos os perigos, a decolagem fez-se sem incidente. O gigantesco avião rolou sobre a pista cimentada do aeródromo numa extensão de 1.100 metros e ganhando altura aproux á Europa.

Durante algumas dezenas de quilómetros o vôo fez-se a pequena altura da água, porque o avião encontrava-se muito carregado e nas camadas superiores da atmosfera a temperatura mais elevada aumentava o consumo horário de gasolina.

Desde as primeiras horas de travessia do Atlântico os aviadores foram surpreendidos por uma forte depressão atmosférica que os boletins meteorológicos recebidos não assinalavam. A navegação tornou-se difícil. A visibilidade era nula. Apesar disso, os dois pilotos conseguiram manter com admirável rigor a rota que haviam previamente traçado e que os havia de conduzir quasi em linha recta sobre o aeródromo de Le Bourget.

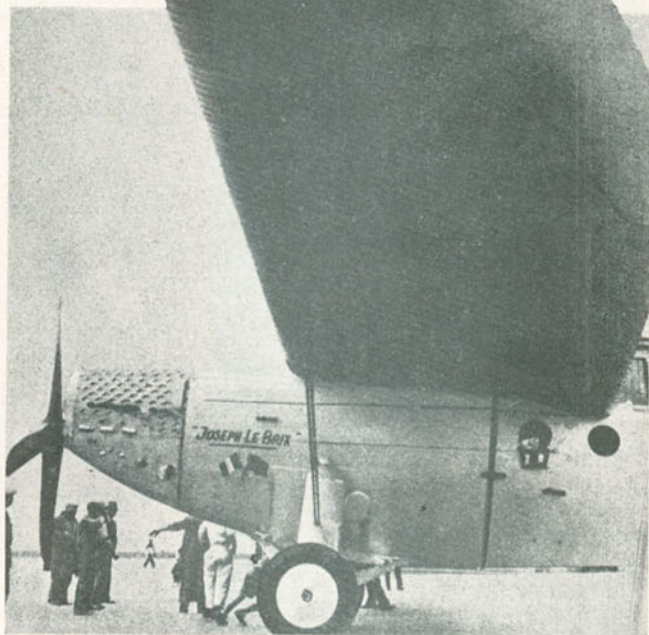
Para se avaliar as condições particularmente difíceis em que foi feita esta parte da viagem, basta dizer que durante quasi todo o percurso sobre o Atlântico, de Halifax a Brest, os aviadores não divisaram as vagas enormes que sob eles se agitavam, tão profunda era a cerração que cobria o Atlântico.

Trinta e três horas depois da sua partida, Codos e Rossi sobrevoavam a 300 metros de altura o aeródromo da capital francesa. Nesse momento, os aviadores lançaram sobre o campo um saco contendo o relato da primeira parte da viagem, endereçado a um dos maiores diários da tarde parisienses. Satisfazendo a enorme ansiedade do público francês, esse jornal pôde deste modo, pela primeira vez no mundo, publicar a descrição duma viagem que só no dia seguinte e devia ficar concluída.

Durante essa noite, Codos e Rossi voaram em

magníficas circunstâncias de Paris a Budapeste. A partir deste ponto tiveram de lutar contra forte vento contrário que lhes atrasou a marcha. No terceiro dia de vôo, atravessaram o Mediterrâneo entre a Grécia e a Síria, internando-se na sia. Caía já o crepúsculo quando os esforçados aviadores foram forçados a reconhecer que o seu aparelho dera honrosamente as últimas energias. Era necessário pensar na aterragem. A visibilidade deficiente fez-lhes perder cerca de 40 mi-

O avião «Joseph Le Brix» em que Codos e Rossi realizaram o seu difícil vôo, alcançando o «record» mundial de distancia em linha recta



Maurice Rossi



Paul Codos

nutos para encontrar Rayak, cujo aeródromo ficaria sendo, portanto, o término da viagem.

Estava batido o «record» do mundo. O «Joseph Le Brix» percorrerá 9.104 quilómetros. E se este resultado admirável não foi excedido, há que atribuí-lo às péssimas condições atmosféricas em que o vôo se realizou. De facto o consumo horário do motor foi de 115 litros, em vez de 95 como se previa. Isto provém do mau tempo ter obrigado a repetidas mudanças de altitude que se traduziram num consequente consumo anormal.

Apesar disso, o gigantesco monoplane conseguiu manter-se no ar durante cinquenta e cinco horas e meia o que representa um admirável resultado se atendermos às condições desfavoráveis em que grande parte do vôo se realizou.

Mas o «record» da distancia reserva-nos ainda maiores surpresas. Já De Pinedo, o grande piloto italiano, se prepara para tentar a difícil prova, animado por esse velho espírito de rivalidade existente entre a aviação francesa e a italiana. Os sucessivos aperfeiçoamentos da indústria aeronáutica irão dando, com o tempo, maiores extensões a estes vôos. E não vem já longe talvez a época em que um avião erguendo vôo dum ponto do Globo poderá voltar a esse mesmo ponto depois de circundar o mundo, num vôo único sem escalas. É certo que estamos longe ainda desse resultado.

O resultado obtido é, porém, significativo. E a proeza de Codos e Rossi fica sendo mais um justo motivo de orgulho para a Aeronáutica francesa.

VARIOS ASPECTOS GRAFICOS DO QUE SE PASSA NO BRASIL



JOÃO SIMÕES, SR. FRO — Encontra-se no Rio de Janeiro o ministro dos negócios estrangeiros inglês, sir John Simões, a quem o seu colega brasileiro, sr. dr. Melo Franco ofereceu um almoço no ministério do exterior



O NOVO EMBAIXADOR NORTE-AMERICANO — O novo embaixador dos Estados Unidos da América do Norte no Rio de Janeiro entregou já as suas credenciais ao chefe do governo provisorio sr. dr. Getúlio Vargas



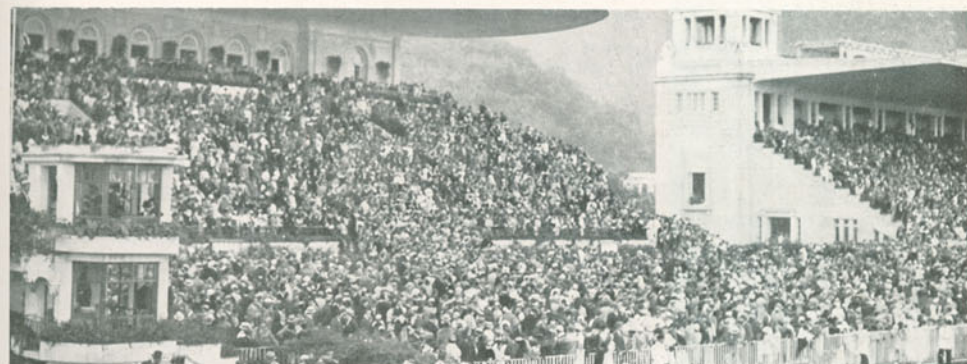
A CULTURA DO CHÁ NO BRASIL — Está-se desenvolvendo extraordinariamente no Brasil a cultura do chá, principalmente no Estado de Minas Gerais. Damos uma gravura mostrando um campo cultivado e outro onde se vê a apanha das folhas de chá, apanha que é feita com grande cuidado



CORRIDAS DE CAVALOS NO RIO — Aspecto do Hipódromo Brasileiro no dia do «Grande Prémio do Brasil», a maior corrida até hoje realçada na capital brasileira e da América do Sul



O cavalo «Mossoró 2.º», criação brasileira, de quatro anos de idade e que ganhou o «Grande Prémio do Brasil», com um considerável aringo sobre os outros concorrentes



Dois soberbos aspectos do Hipódromo Brasileiro — considerado o primeiro da América do Sul — no dia da corrida «Grande Prémio do Brasil». Pela primeira vez no Rio de Janeiro se juntou tanta gente para assistir a uma prova hípica. Foi um verdadeiro acontecimento cívico e desportivo (SERVIÇO FOTOGRAFICO DO JORNAL «A NOITE» DO RIO DE JANEIRO)

Festas de caridade

«NO CASINO INTERNACIONAL»

Realisa-se no próximo domingo, no salão de festas no Casino Internacional do Monte Estoril, gentilmente cedido pela direção, a festa anual da Casa de Trabalho de Santo António, do Estoril, cujo producto se destina a favor do seu cofre, e que constará este ano de um interessante sarau, com números de canto e dança por crianças pertencentes á nossa melhor sociedade, que estão sendo ensaiados, com todo o esmero, os primeiros por uma das senhoras da comissão e os segundos pelo notável professor de dança senhora de Britton's, que amavelmente presta o seu valioso concurso.

A comissão organisadora desta linda festa de caridade, que de certo vai atrair ao Casino Internacional do Monte Estoril, uma enorme e selecta concorrência, é formada pelas sr.^{as} D. Alice de Sousa Melo, D. Ana Laboreiro de Mira Mendes, condessa de Murça, condessa de Peniche, condessa de Vil'Alva, D. Eugenia Cardoso, D. Helena Gameiro Leitão de Barros, D. Josefina de Arbués Moreira, e D. Maria Leonor Barroso Madureira. No intervalo haverá serviço de «chá». Os pedidos de bilhetes de entrada que são ao preço de 5\$00, bem como a marcação de mesas, faz-se pelos telefones Estoril números 140 e 194.

«NO TAMARIZ»

Por iniciativa da sr.^a D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, realiza-se na tarde do dia 9 na explanada Tamaris, no Estoril, gentilmente cedida pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol, uma interessante «Ginkana Infantil», cujo producto se destina a favor dos Preventórios para filhos de tuberculosos pobres e da Casa de Santo António, sendo a comissão organisadora composta de crianças, pertencentes á nossa primeira sociedade.

«EM SINTRA»

Com uma enorme e selecta concorrência, em que se via tudo o que de melhor conta a nossa primeira sociedade, tanto de Sintra, como dos arredores, realizou-se na tarde de 27 de agosto, último, no vasto campo da Portela, em Sintra, uma interessante «Ginkana Automobilista», patrocinada pelo Automóvel Club de Portugal, e levada a efeito pela comissão executiva das festas em honra de Nossa Senhora do Cabo, revertendo o produto a favor do fundo das mesmas festas, que deverão realizar-se por todo o corrente mês.

As várias provas da «ginkana» despertaram na selecta assistência, não só pela pericia dos volantes, como da senhora que o acompanhava, verdadeiro interesse, provocando algumas peripecias franca hilariedade.

Num dos intervalos houve serviço de «chá e refrescos» em um recinto especial, que oferecia um aspecto verdadeiramente encantador, em que o serviço estava a cargo de um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade.

A comissão organisadora desta linda festa deve, com toda a certeza, estar plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto mundano, como financeiro.

A noite, no salão de meza, do Hotel Costa, na vila, realizou-se a distribuição dos prémios, seguindo a dança até de madrugada, sempre num crescente de animação, fazendo-se ouvir o «jazz-band» privativo do hotel, onde toca aos almoços dos domingos.

Casamentos

Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia

VIDA ELEGANTE

Cabral Coimbra Dias Ferrão e do sr. dr. José Maria Dias Ferrão, membro da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, com o sr. dr. Manuel da Veiga Malta de Paula Nogueira, filho da sr.^a D. Verdiana Malta de Paula Nogueira e do meretíssimo Juiz da Relação sr. dr. José Augusto de Paula Nogueira.

Fôram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Verdiana da Veiga Malta, e padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso, que revestiu muita intimidade, o reverendo António Pereira de Oliveira, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, á Avenida Duque de Avila, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para o norte, onde fôram passar a lua de mel.



A sr.^a D. Suzete Corrêa Catalão e o sr. Francisco Carmo, no dia do seu casamento

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Suzete Corrêa Catalão, interessante filha da sr.^a D. Beatriz Corrêa Catalão e do distinto oficial de marinha, engenheiro sr. Estevão Catalão, com o sr. Francisco Carmo, importante proprietário em Alemquer, tendo servido de padrinhos os pais da noiva.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos para o norte, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para Alemquer, onde fixam residência.

— Em Oeiras, realizou-se na igreja de Nossa Senhora da Purificação, o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição da Câmara d'Orey, interessante filha da sr.^a D. Mariana da Câmara d'Orey e do sr. Luis de Albuquerque d'Orey, com o sr. Fernando Rolin Seabra Pereira, filho da sr.^a D. Paula Maria Rolin de Seabra Pereira e do sr. Manuel Seabra Pereira.

Serviram de padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Maria José da Câmara Braga e o sr. Vasco de Albuquerque d'Orey e por parte do noivo o sr. Alb Lourtie e esposa.

Celebrou o acto religioso, o reverendo Manuel

Sabino Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocação. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido no salão de meza da elegante residência e dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para a sua casa em Paço d'Arcos, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paróquia de Santa Izabel, realizou-se o casamento da sr.^a D. Francisca dos Santos Gonçalves, gentil filha da sr.^a D. Anunciação dos Santos Gonçalves, já falecida, e do sr. José António Gonçalves, com o sr. Abel Soares Pinheiro, filho da sr.^a D. Deolinda da Costa Pinheiro, e do sr. Francisco Soares Pinheiro, já falecido.

Fôram madrinhas as irmãs da noiva sr.^{as} D. Emília dos Santos Gonçalves Cardigos e D. Perpétua dos Santos Gonçalves Vassalo, e padrinhos os cunhados da noiva srs. Tenente Silvestre José Cardigos e Júlio Vassalo.

Terminada a cerimónia religiosa, os noivos seguiram para Oliveira de Azemeis, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se na Basílica da Estrela, o casamento da sr.^a D. Maria Emília Guerreiro, interessante filha da sr.^a D. Laura Júlia Silva Guerreiro e do sr. António Guerreiro, com o sr. António da Silva Tavares, filho da sr.^a D. Albertina Alves da Silva Tavares e do sr. João da Silva Tavares.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria das Dôres Sobral Guerreiro e D. Maria José Alves, e de padrinhos os pais dos noivos.

O acto religioso, foi celebrado pelo reverendo prior da freguezia, Monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos para o Luzo onde foram passar a lua de mel.

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.^a D. Amélia de Oliveira Dias, com o sr. Luís Filipe Martins, tendo servido de padrinhos o sr. Pedro José da Silva e sua esposa a sr.^a D. Palmira da Costa e Silva.

Findo o acto os noivos seguiram para o seu palacete no Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Adelaide Castro Pereira Lopes Cardoso, esposa do sr. Dr. Artur Alberto Camacho Lopes Cardoso, desembargador da Relação de Lisboa, e antigo Ministro da Justiça, para seu filho Artur Alberto, conservador do registo predial, em Angra do Heroísmo, a sr.^a D. Maria Josefina I art de Castro, gentil filha da sr.^a D. Maria Santos Belo de Castro e do sr. Tomé Dart de Castro.

A cerimónia deve realizar-se no princípios do próximo ano.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso no Estoril a sr.^a D. Ana Margarida Tito Martins, esposa do sr. Tito Martins, secretário do Casino Estoril.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Realizou-se na igreja dos Milagres, em Santarem, o baptisado do menino Nuno José, gentil filhinho da sr.^a D. Carmen Tavares Martins e do sr. dr. Joaquim Alves Martins, notário nessa cidade, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Maria Aurora Heitor Viegas, e padrinho o bispo de Cabo Verde, sr. D. José Alves Martins.

D. Nuno.

VIDA FEMININA

O «flirt» é uma das elegâncias da moda de hoje em dia, e na verdade o «flirt» é uma das mais agradáveis coisas da vida moderna. O «flirt» é a «amitié amoureuse», é a camaradagem em que se sente uma pontinha de sentimento que não chega a ser amor, mas que é mais do que a amizade. O «flirt» é o par de dança, com quem se prefere dançar o tango, é o parceiro do «tennis», é o companheiro com quem se ri e se brinca e... mais nada. Mas o «flirt» não é para tôdas.

É um hábito inglês e americano, que nesses países é bem compreendido, e que essas raças frias é que raciocinam, sabem manter sempre nos limites, que se não devem ultrapassar, e que se por acaso com a convivência muda o sentimento de atracção em amor, redonda em casamento, com a sua chuva de arroz e de chinelos velhos. Entre nós o «flirt» é uma coisa perigosa. Os meridionais, sobretudo os fogosos portugueses e as meigas portuguesas devem sempre fugir ao «flirt», que a maior parte das vezes acaba em tragédia. Esse jogo de coquettismo, que para as nórdicas é um prazer, como tomar «cocktails» ou fumar «cigarettes», para as meridionais exageradamente sentimentais é um tormento porque em geral acaba em paixãoela. Para o homem é igualmente perigoso, porque não sabendo conter o seu primitivismo, nas inocentes liberdades do «flirt» vê um incitamento à conquista, e depois vê-se muita vez atrapalhado com um casamento em perspectiva, com que não contava, se é um rapaz de sentimentos, ou tendo arruinado uma vida se é um homem sem escrúpulos e sem carácter, sobretudo quando dá com uma inocente rapariga que nele pôs toda a sua confiança e que vê cair por terra tôdas as suas ilusões de mocidade.

O «flirt» é uma instituição nada recomendável às portuguesas, que em tudo põem um excesso de coração. Uma rapariga que quer casar, que quer constituir família deve manter-se digna dum homem honesto e não deve contaminar a sua alma em promiscuidades, que aqui são mais ou menos bem intencionados. É preferível sempre para uma menina ser menos elegante e mais rigorosamente honesta.

As viúvas, mulheres de experiência, podem usar do «flirt» sem os inconvenientes das raparigas solteiras, porque se por acaso o «flirt» se não mantem na devida linha é porque elas assim o entendem e querem, não podendo de forma nenhuma alegar a ignorância da vida. Mas sobretudo para quem o «flirt» deve ser o verdadeira fruto proibido é para a mulher casada. É extraordinário mesmo que haja maridos que consentam que suas mulheres «flirtem», e que com a maior imbecilidade considerem isso uma elegância que os envolve numa onda de modernismo e de «chic». O homem português, em geral, entende que a mulher casada é sempre ter-

reno conquistável, e as senhoras que se prestam ao «flirt» e que não ignoram como elles pensam, dão-lhes bem a entender que elles têm muita razão, e com isso mesmo as encorajam a prosseguir nesse caminho.

A mulher casada e séria não deve, de maneira nenhuma, «flirtar». Não se deve importar com o que as amigas dizem, e se lhe chamam «bota de elástico» deve ella rir-se dessas fúteis criaturas, que fazem consistir a elegância em coisas que as tornam ridículas, elas e aos maridos. Como pode a mulher que é verdadeiramente digna encarar o marido, beijar os filhos, depois de ter ouvido as inconveniências que o seu «flirt» lhe dirigiu, pensando ser muito galante e até mesmo atencioso.

A mulher casada, a mãe de filhos, a educadora de cidadãos, deve ter outras distrações mais compatíveis com a sua situação na sociedade, e com as suas responsabilidades morais. Deixemos aos estrangeiros, a esses que sabem fazer do «flirt» uma distração inocente, a prática dessa amizade intellectual, dêsse convívio de almas, dessa ocasião de ser gentis e interessantes, que os latinos por temperamento, por educação e por raça, nunca compreenderão.



Nem tudo a todos é dado, e nós devemos conservar as qualidades da nossa raça e não forçar a nossa maneira de ser, accitando hábitos que noutros países são inocentes, e até inofensivos, e entre nós são um perigoso incitativo para a dissolução da sociedade e para a estabilidade da família. É elegante «flirtar», é agradável o «flirt», mas não como se faz aqui, e há tanta coisa que se faz lá fora a que a nossa maneira de ser não se pode adaptar, e esta é mais uma.

Maria de Eça.

A moda

Nesta época do ano a moda que mais nos preocupa é a do desporto. É justamente agora a melhor ocasião para fazer desporto, sobretudo o «yachting», tão agradável para os apaixonados do mar. Damos hoje dois graciosos modelos de vestidos para esse género de desporto. Um em fazenda de lã azul escuro, com blusa de sêda em riscas azues escuras e bancas. Um gracioso chapelinho no género dos chapéus dos marinheiros americanos completa esta graciosa «toilette». O outro, todo em sarja branca, recebe a nota de côr da linda «écharpe» em riscas vermelhas e brancas e do cinto de camurça vermelha. Estes vestidos simples e práticos são os mais adequados a este género de desporto. Para esse género damos também uma linda «chandaille» em malha de lã às riscas pretas e brancas. Tôda a sua originalidade está na maneira como as riscas estão dispostas e na colocação da «écharpe» que remata o decote. São lindos os dois vestidos de baile de que damos o modelo. Em «organdi imprimé», o verdadeiro triunfo da moda, qual-

quer deles tem, na originalidade das mangas e na graça do corte, a maior novidade. O outro vestido de noite, que pode servir também de vestido de recepção, é em gaze cinzenta, guarnecido nas mangas por largas tiras de plumas de avestruz, que o tornam extremamente decorativo. Estas mangas ricas contrastam com a linha princesa, extremamente simples, deste vestido. É um modelo dos Callot soeurs. Dizendo isto as nossas leitoras não precisam mais nada para saber que se trata duma «toilette» da mais requintada elegância. Uma das coisas com que nos devemos sempre preocupar é com os acessórios de «toilette». Sem elles não há uma «toilette» verdadeiramente completa e elegante. São esses pequenos nada que dão, em geral, a verdadeira nota numa «toilette». É uma carteira, um cinto, umas luvas. Damos hoje uma série dêles, bem interessantes.

Entre as várias coisas, figura em primeiro lugar uma blusa em «taffetas» aos quadrados brancos e rosa. Ao lado estão umas luvas, última novidade, em linho azul claro, fechadas por uma pérola. De cintos há na gravura a mais completa variedade. Desde os cintos em corda, última novidade dêste ano, aos cintos em couro, pele de porco, pelica branca, ha tôda a qualidade de cintos que devem

ser utilizados segundo os vários géneros de «toilettes», desde o simples vestido de viagem e desporto à mais apurada «toilette» de tarde. Uma cómoda carteira destinada às desportistas, que tanta coisa têm de transportar no seu «sac-a-main», é em pele de porco bege claro, com um fecho em metal branco. As luvas que o acompanham, próprias para desporto, são em pelica bege. A mulher que gosta de em tudo ser elegante tem uma verdadeira escolha nestes artigos, e com qualquer dêles ficará muito bem servida.

Cena cómica

QUANDO morreu o actor Falconnier, que durante quarenta e sete anos representou na «Comédie Française», contaram-se várias histórias dele. Era um homem singular, que conciliava a paixão do palco com a da astronomia. Tinha na sua casa de Courbevoie, um telescópio aperfeiçoado que lhe tinha dado Cecile Sorel. Ele gostava de contar que, quando era novo, tinha representado em Viena de Austria, na corte, perante a imperatriz Isabel, a grande cena do «Guilherme Tell». Fazia parte duma «tourné» artística da «Comédie» que estava dando ré-citas em Viena. No momento em que se preparava para atirar à maçã, colocada sobre a cabeça duma sua jovem colega que fazia o papel do pequeno «Genney», uma senhora da corte exclamou horrorizada: «Meu Deus! Que vai matá-la!». Um poeta humorista ao ouvir a exclamação disse: «Não sabem quem mata uma mulher vinga sempre alguém?». Falconnier acertou na maçã, foi muito felicitado por toda a corte e a representação acabou na maior alegria devido à nervosa senhora.

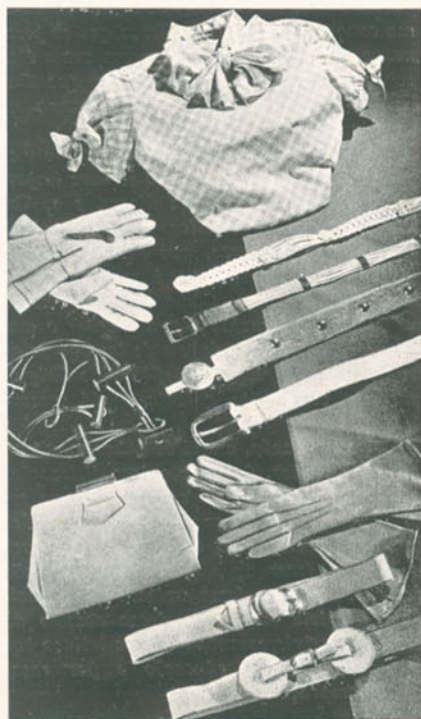
Memórias dum alfaiate

O «Wiener Jagblatt» publica as interessantes memórias dum modesto alfaiate vienense, que vestiu imperadores e reis. O cliente mais distraído foi, certamente, Francisco José. O imperador só contrafeito vestia à paisana, e, quando viajava no estrangeiro era em restrito incógnito. Depois da morte da imperatriz, pode dizer-se que nunca mais despiu o uniforme. Era preciso que o seu criado particular insistisse muitas vezes antes que êle se resolvesse a renovar o seu guarda-roupa.

Um dia, pouco antes da sua partida para Cap. Martin, onde estava a imperatriz Isabel, o criado declarou-lhe: «Vossa Majestade não pode ir com a roupa que tem». Sómente então o imperador se resolveu a chamar o alfaiate. Mas tinha tão pouca paciência para tirar as medidas que o criado deu-lhe o fato usado para evitar que o imperador tivesse uma irritação que não soubesse dominar, e que valesse ao alfaiate algumas palavras pouco cortezes, senão algum encontrão. Era um cliente que não dava ao seu alfaiate nenhuma



satisfação debaixo do ponto de vista da elegância. O mesmo não sucedia com um seu outro ilustre cliente, Eduardo VII, de Inglaterra, cuja elegância nada deixava a desejar. Era um cliente que enchia de satisfação o seu alfaiate, a quem dava glória. Cada vez que o soberano inglês ia fazer a sua cura a Marienbad, o alfaiate tinha de ir ali tirar-lhe as medidas, porque a sua circunferência aumentava regularmente, dum ano para o outro. Os



fatos eram em seguida expedidos de Viena para Londres sem necessidade de mais provas. O futuro rei, então príncipe de Gales, tinha a maior confiança no seu alfaiate vienense, e tal confiança nunca foi iludida, e é tão verdade o que o alfaiate afirma que o saldo de todas as facturas tem a assinatura autógrafa do soberano, acompanhada de algumas palavras de louvor. Os alfaiates de Viena têm fama de serem os melhores da Europa, e em fatos de senhora não há ninguém que os exceda. Há mesmo em Paris muitos vestidos alfaiate de senhora que ali são feitos.

Reconstituição da história

No castelo de Compiègne, próximo de Paris, executaram-se interessantes trabalhos para a reconstituição e reconstrução dos «pequenos aposentos» da imperatriz Eugénia, uma das mais interessantes figuras femininas da história contemporânea. Haverá assim outro museu do Segundo Império, cuja reevocação está agora em moda. Os quartos, as salinhas, ricas de tapeçarias e de «bibelots», estão organizadas na disposição que a imperatriz lhes quis dar. Todo o ambiente de muita riqueza está arranjado como na época em que Madame de Pourtalès, ou Madame de Gallifet, ou a Condessa Castiglione, se entretinham em amenas conversas com a imperatriz e as suas damas.

Em cada sala há móveis escolhidos pela soberana, poltronas forradas de pesadas sêdas, almofadas, cadeiras leves e douradas, que a imperatriz mandava vir directamente de Itália, e tapeçarias magníficas, algumas das quais de um gosto excepcional e que serviam de moldura à lindíssima imperatriz, fazendo sobressair a sua beleza e a das suas damas que eram todas lindas.

A luva

A luva tem o seu lugar na história; foi rica ou pobre, audaciosa ou severa, segundo as épocas. Foi e... é o mais poético acessório das nossas «toilettes». A indústria da luvaria tem procurado muitas vezes renovar-se no domínio artístico. No tempo da faustosa República Venezeana via-se no dia em que o Doge desposava o mar, os árbitros das elegâncias arvorar luvas bordadas a ouro e pedras preciosas, ou pintadas à mão a «guache» por artistas célebres. As elegantes do século XVIII usavam luvas perfumadas, de fina pelica ou de seda, delicadamente bordadas, e mudavam-nas, diz-se, ao menos cinco vezes ao dia. Que roubos não cometiam os apaixonados para conservar sobre o seu coração um pouco do perfume da bem-amada?

Durante longos anos as luvas tornaram-se sóbrias e não tiveram história, mas uma mãosinha enluvada do mais fino «suède» era sempre para um homem delicado um prazer docemente voluptuoso. Hoje, que nós procura-

mos por todos os meios fazer reviver uma feminilidade muito tempo desdenhada, a luva multiplica e varia os seus atractivos. Nós não falamos da clássica luva, para o desporto ou as saídas de manhã, que deve continuar masculina, mas sim dessa luva que se harmoniza com uma «toilette» e a completa duma tão graciosa maneira. Há mãos que gostam do fresco contacto do linho e do «piqué», outras preferem aninhar-se em sédas ligeiras, em transparentes tules, em vaporesos «organdis». O pulso reclama também a sua guarnição, e a luva prolonga-se num provocante canhão. Estas luvas têm uma graça muito francesa, que encanta as mulheres de todos os países. São um convite ao beija-mão de dantes, e é possível que anunciem a volta ao «mari vaudage» e à galanteria. «Este inverno, minha senhora, estava encantadora a sua mãosinha de veludo, e agora não sei o que dizer-lhe da sua branca mãosinha». Isto é muito gracioso e terno e afasta-nos, graças a Deus, da época da «garçonne».

Uma sábia

EM 1776 nasceu no departamento de Sene-et-Marne, Maria Sofia Germain. Era filha dum rico joalheiro, que também era um bom literato, que era influenciado por Voltaire e Diderot. Seu pai queria dar-lhe uma educação literária, mas a jovem era inclinada para a matemática. Aos treze anos a «História da Matemática», de Montucla, que encontrou na biblioteca de seu pai, foi para ela uma revelação. Aquela ciência apareceu-lhe rodeada dum extraordinário prestígio, e ficou particularmente impressionada pela história de Arquimedes, morto por um soldado romano na tomada de Siracusa, por ordem de Marcelo, sem que o grande matemático interrompesse as investigações que naquele momento o interessavam. Este trágico episódio, fez-lhe sentir que a ciência das matemáticas era tão atraente, que nem sequer uma ameaça de morte podia distrair aquele que tão apaixonadamente delas se ocupava. Apesar da grande contrariedade de seu pai, que não queria fazer da filha uma mulher sábia, o que naquele tempo era uma coisa quasi ridícula, ela conseguiu vencer naquela ciência ao ponto de rivalizar com as mais ilustres matemáticas da sua época. Publicou vários volumes com o pseudónimo de «Leblanc», para evitar as sátiras que então se faziam às mulheres sábias. Estava em relações epistolares com Gauss, matemático alemão de Brunswick, de grande valor, e quando o exército francês cercou e assaltou aquela cidade, ocupando-a Sofia Germain, obsecada pela recordação do lamentável fim de Arquimedes, escreveu ao general em chefe, pedindo-lhe que velasse pela segurança do grande geometra. A parte principal dos trabalhos científicos desta distinta matemática foi o estudo das superfícies



elásticas, em seguida a curiosas experiências sobre vibrações das piastras, que um físico italiano tinha realizado no ano de 1808, inspirando-se em Galileu. Foi este trabalho que lhe valeu o grande prémio das ciências matemáticas da Academia das Ciências. Honra que só uma vez tocou a uma mulher. Dotada duma extraordinária firmeza de alma, suportou durante dois anos, com uma coragem estoica, o sofrimento da cruel doença que a matou em 27 de Junho de 1831.

O inesperado

A atracção pelas viagens, escreve Maurício Dekobra, na «Petite Gironde», reside no inesperado, porque tôdas vivemos à espera do inesperado. O que é a felicidade? O amanhã. Enquanto que tôda a tristeza se resume na palavra ontem. Diz-se: partir é morrer um pouco, e pode acrescentar-se: morrer é partir por muito tempo. Hoje em dia viaja-se muito e todos têm em si um pouco do judeu errante. Mas para viajar é preciso ter presentes algumas máximas. Aprender o inglês para ser bem tratado pela Agência Cook. Atar a chave da mala ao cinto, porque há duas coisas no mundo que se perdem muito facilmente: as chaves e os bons costumes.

Aprender a compulsar os horários que são muitas vezes tão complicados que requerem conhecimentos profundos de algebra, da regra dos três e da arte de decifrar inscrições estrangeiras. Desconfiar dos conhecimentos de viagem, e a bordo dos navios, seja qual for a paixão pelo «bridge», não jogar nunca com desconhecidos. O que faz o «morto» é muitas vezes mais vivo do que o que se pensa. Há gente que acha a vida moderna insípida e descolorida. É um erro! O mundo nunca conheceu uma época em que a vida fôsse tão agitada e tão propícia às aventuras. O romanesco corre pelas estradas, pelos grandes hotéis, pelas cabines telefónicas, ainda que não haja já as máscaras e as espadas como no tempo de Giacomo Casanova.

Em 1933 o romanesco não é já uma coisa exterior, mas qualquer coisa de profundo na alma do homem, escondido pelas necessidades da vida moderna. A vida só é insípida para as almas feitas em série, como os carros «Ford». A atracção da viagem não é somente descobrir a humanidade. Mas também descobrir o imprevisível, que é o verdadeiro sol da vida. O que tornou Cristóvão Colombo tão célebre não foi o descobrir a América, mas principalmente o ter-se pôsto a caminho para a descobrir. E Dekobra conclui:

«Se lhes acontecer encontrar uma figurinha doce e original num «sleeping», que lhes atraia a atenção e lhes agrade, desçam o mais depressa possível na primeira estação e tomem um comboio correio». Esta é a opinião do autor da «Ma-



dame des Sleepings», mas não quer dizer que seja uma opinião a que se deva dar absoluto crédito.

A família

DEU-SE, há tempo, uma simples e tocante cerimónia em Guy-Saint-André, pequena povoação de 700 habitantes perto de Montreuil, em França. Nesta pequena aldeia vivem trinta e três mães de família que receberam naquele dia a medalha da «Família Francesa».

Estas trinta e três mães têm uma descendência de duzentos e vinte e seis filhos, de mais de cem netos e não se sabe quantos bisnetos. A mais velha das condecoradas é a viúva Briois-Leroy, que nasceu em 12 de Setembro de 1843 em Guy-Saint-André.

Ela só conta uma descendência de oitenta e três pessoas entre filhos, netos e bisnetos. Perdeu o marido há dezanove anos, nas vésperas das bodas de ouro. Rodeada da estima dos seus conterrâneos, ela carrega alegremente o peso da sua muita idade, e não faz segredo da receita para estar tão bem conservada: o sol, a vida ao ar livre e o trabalho. «Nunca comi carne, mas os produtos locais: legumes, manteiga e o meu bom pão caseiro».

A municipalidade de Montreuil organizou grandes festas para a distribuição das medalhas às interessantes velhinhas que fizeram da sua aldeia minúscula um oásis de vida patriarcal, no meio do tumulto que agita o mundo neste século de egoísmo e de destruição da família.

BRIDGE

Espadas. — 7, 4.
Copas. — Dama, 9, 8.
Ouros. — Az.
Paus. — Dama, 5, 4.

Espadas. — — — **N** Espadas. — Dama,
Copas. — 10. 5, 3, 2.
Ouros. — Rei, **O E** Copas. — Valete,
Dama, 10, 9. 7, 5.
Paus. — 10, 8, 6, **S** Ouros. — 7, 4.
2 Paus. — — —

Espadas. — Rei, Valete, 10, 6.
Copas. — 6.
Ouros. — 8, 2.
Paus. — 9, 7.

Sem trunfo.
S. joga e faz 8 vasas sobre 9.

(Solução do número anterior)

Consiste a solução em libertar as cartas de paus de N, baldando-se S ao Az e ao Rei. Duma dessas cartas, balda-se êle muito naturalmente na vasa do Az de copas; enquanto à outra, tem de se criar uma segunda balda e para isso é preciso deminuir os trunfos de S, cortando o 9 e a Dama de copas:

O	N
R — ouros	5 — paus
2 — espadas	V — espadas
2 — copas	9 — copas
3 — espadas	D — espadas
7 — copas	D — copas
4 — espadas	R — espadas
5 — espadas	A — espadas
7 — ouros	A — copas
E	S
8 — ouros	A — ouros
3 — copas	6 — espadas
10 — copas	7 — espadas
5 — copas	8 — espadas
R — copas	9 — espadas
2 — paus	10 — espadas
3 — paus	R — paus
6 — copas	A — paus

e tôdas as cartas de paus de N ficarão libertas.

XADREZ

(Solução)

- | | |
|------------|------------------------|
| Branças | Pretas |
| 1. D1CD | Se. 1. R x PD |
| 2. D7CD ++ | Se. 1. R x PBR ou R5BR |
| 2. T2BR ++ | Se. 1. R6D |
| 2. C2BR ++ | |

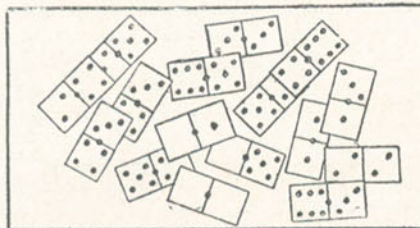
A graça lá fóra



— Que tal achas o meu fato de banho?
— Lindo e bastante feminino. Eu, talvez dispensasse as saías... — (Do «Punch»).

UM DE FESTA

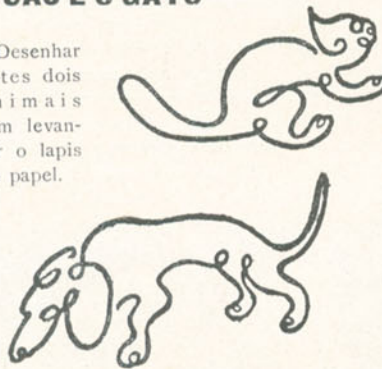
UM DOMINÓ DIABÓLICO



Fazer com que, destas dezasseis pedras de dominó fiquem apenas metade, sem rasgar nem cortar o papel, nem riscar nenhuma delas. Parece coisa diabólica, ou pelo menos coisa de prestidigitação. Porém, não é nada disso. Basta fazer no papel duas simples pregas, e uma vez que se acerte faze-las na devida forma, vê-se-á como só ficam as oito pedras que dizemos.

O CÃO E O GATO

Desenhar estes dois animais sem levantar o lapis do papel.



PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I	M	I	T	E	R	S	A	T	U		
II	O	S	E	M	E	A	D	O	M		
III	A	U	R	E	O	L	A	D	O		
IV	U	P	A					O	P	A	
V	N	A	V	A	I	S	D	R	I	L	
VI	I	R	I	S	A	T	A	I	P	A	
VII	C	A	S	A	C	E	I	F	A	M	
VIII	A	R	A					E	R	O	
IX	A	R	E	N	I	F	E	R	O		
X	E	A	M	E	R	I	C	A	A		
XI	S	E	A	N	O	S	O	L			

ANEDOTAS

Frederico: — Mamã, o mano pequenino que nome tem?

A mãe: — O mano ainda não tem nome.

Frederico: — Então, como há-de êle saber que é desta família?

• • •

Professor: — Diga-me cá: Para onde vão os rapazes mans quando morrem?

Discípulo: — Não sei; mas o tio Henrique diz que é para o mesmo lugar para onde vão os rapazes pequenos quando crescem!...

• • •

— O que hei-de eu dár a minha filha no dia de Ano Bom? — perguntava um sôgro ao genro.

— Olhe! Dê-lhe uma bengala e uma caixa de charutos.

• • •

No restaurante:

— Rapaz, esta posta de pescada não é tão fresca como a que me serviram há oito dias!

— Isso há-de V. Ex.ª desculpar; mas é exactamente da mesma!...

• • •

— O Fernandes é, com tôda a certeza, o homem mais atencioso que eu conheço.

— O que te faz dizer isso?

— O êle pretender estar curado da sua dispepsia, só para não contrariar a opinião do seu médico!

• • •

Curiosa recomendação:

Dois namorados separaram-se por êle ter de realizar uma viagem para tratar de negócios.

— Meu amor — Diz ternamente o que tem de afastar-se — jura-me, que te conservarás fiel até à minha volta!

— Pois sim, responde ela; mas volta depressa!

• • •

— O senhor acredita que haja música num trombone?

— Com certeza que há. Eu nunca a ouvi de lá sair!...

• • •

Patrôa: — Mas, Luíza, há duas horas que vocemecê está fazendo a limpeza da sala, e ainda não acabou?

Criada: — Então, o que quer a senhora? A senhora está sempre a gritar comigo, e eu perco tempo a ouvi-la!

A graça lá fóra



A petiça: — Na verdade, Zêca, não te parece que devias pentear êsse cabelo antes do jantar? — (Do «Punch»).

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECCÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMESTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDO DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMESTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINARIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

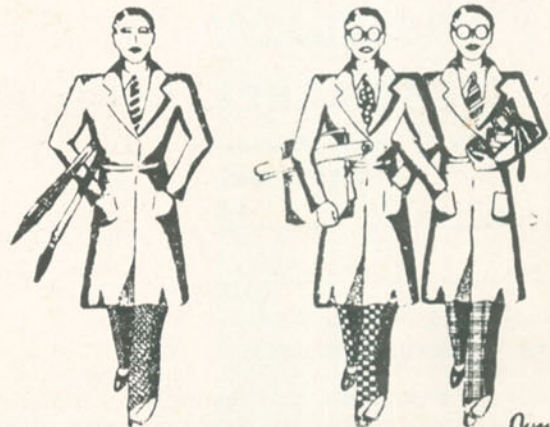
LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



Agencia

TELEFONE

2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR
ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. **8\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA



1 volume encad. com 351 pág.

25\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel

E

Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosissimo vol. ilustrado **6\$00**



DEPOSITÁRIA

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 7.^a EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 375 páginas { brochado 12\$00
encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda a 3.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE
POR
AQUILINO RIBEIRO

1 vol de 308 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' VENDA A 3.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê de-pressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS
POR
AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado **10\$00**
encadernado **14\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO O CARICATURISTA



DESENHOS ESCOLHIDOS
POR
MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes ilustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e cores sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O genial romance de guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

A N T E U

POEMA DRAMÁTICO

— POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado 8\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, câmaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos 25\$00

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.ª EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch. 10\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, no alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PAULINO FERREIRA :: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:
4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:
9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
VINTE MIL LEGUAS SUBMARI- NAS:
12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
A ILHA MISTERIOSA:
14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
MIGUEL STROGOFF:
17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
O PAIS DAS PELES:
19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
HEITOR SERVADAC:
23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
UM HERÓI DE QUINZE ANOS:
26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
A CASA A VAPOR:
31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
A JANGADA:
33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:
35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
KERABAN, O CABEÇUDO:
43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
MATIAS SANDORFF:
47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
NORTE CONTRA SUL:
53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça*. 1 vol.
55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
DOIS ANOS DE FÉRIAS:
56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
FAMÍLIA SEM NOME:
58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
CESAR CASCABEL:
61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:
63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
A ILHA DE HELICE:
67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
A ESFINGE DOS GELOS:
70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
O SOBERBO ORENOCO:
73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



P. B. X. para serviço de Bancos, Escritórios
comerciais, Empresas, Jornais, etc., pedidos
à **COMPANHIA DOS TELEFONES**

Peça o livro
gratis

E porque não?

A Companhia tambem fornece empregadas para o manejo dos mesmos...

Escreva à

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.º L.ª

Rua Nova da Trindade, 43 — LISBOA